



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
CURSO DE MESTRADO

PATRICIA VITÓRIA BEZERRA CAETANO

**HOMENS E A DIVISÃO SEXUAL DAS PRÁTICAS DE  
CUIDADO COM CRIANÇAS: Uma análise a partir da  
perspectiva feminista**

**Departamento de  
Psicologia - UFPE**

Centro de Filosofia e  
Ciências Humanas, 7º  
andar - Recife/PE  
CEP 50670-901  
Fone: (81) 2126 8731

[ufpe.br/pospsicologia](http://ufpe.br/pospsicologia)

**Recife  
2018**

PATRICIA VITÓRIA BEZERRA CAETANO

**HOMENS E A DIVISÃO SEXUAL DAS PRÁTICAS DE CUIDADO  
COM CRIANÇAS:  
uma análise a partir da perspectiva feminista**

Dissertação apresentada ao Programa  
de Pós-Graduação em Psicologia da  
Universidade Federal de Pernambuco,  
como requisito parcial para obtenção do  
título de Mestra em Psicologia.

**Área de concentração:** Psicologia

**Orientador:** Prof. Dr. Jorge Luiz Cardoso Lyra da Fonseca

Recife

2018

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

C128h Caetano, Patrícia Vitória Bezerra.  
Homens e a divisão sexual das práticas de cuidado com crianças : uma análise a partir da perspectiva feminista / Patrícia Vitória Bezerra Caetano. – 2018.  
90 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Luiz Cardoso Lyra da Fonseca.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.  
Programa de Pós-graduação em Psicologia, Recife, 2018.  
Inclui referências.

1. Psicologia. 2. Homens. 3. Pais. 4. Cuidados. 5. Crianças. 6. Feminismo. I. Fonseca, Jorge Luiz Cardoso Lyra da (Orientador). II. Título

150 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2019-038)

PATRICIA VITÓRIA BEZERRA CAETANO

**HOMENS E A DIVISÃO SEXUAL DAS PRÁTICAS DE CUIDADO COM  
CRIANÇAS:  
uma análise a partir da perspectiva feminista**

Dissertação apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação em Psicologia da  
Universidade Federal de Pernambuco,  
como requisito parcial para a obtenção do  
título de mestre em Psicologia.

Aprovada em: 23/02/2018

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Dr. Jorge Luiz Cardoso Lyra da Fonseca  
(orientador)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Jaileila de Araújo Menezes  
(examinadora interna)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. Marcos Antônio Ferreira do  
Nascimento (examinador externo)  
Universidade Federal Fluminense

## AGRADECIMENTOS

Já que estamos falando de relações de gênero e distribuição (desigual) do trabalho doméstico, preciso dizer que sou mulher pesquisadora feminista mãe. E que para escrever a minha pesquisa eu precisei de uma rede. Na reflexão sobre o que é público e o que é privado, sobre meu problema de pesquisa e o meu problema para conseguir caminhar na academia e ser o centro do cuidado para e com meu filho, considero que as mulheres e os homens da minha vida representaram uma rede de cuidados, a qual tive e tenho prazer em vivenciar.

Sou profundamente grata a minha mãe, por ter sido meu porto-seguro em todos os momentos do curso do Mestrado. Ela foi o suporte psicológico, o equilíbrio emocional e o apoio concreto, no cuidado com meu filho, que eu tanto precisei, para me dedicar a tudo isso. Além de ser a responsável pela minha formação, incentivadora dos meus sonhos e realizadora de tudo que viabilizasse a conquista deles.

Sou grata ao meu filhote, sempre tão compreensivo e cuidadoso comigo! Tantas vezes ouvi “Tá certo. Tudo pela mamãe.”, “Trabalhe bem, mamãe.”, “E a senhora vai jantar o quê?”. Um dia, quando chegamos em casa, eu expliquei para ele que precisava descansar “meia horinha”, antes de organizar o jantar e tudo mais que faço nesse período do dia, pois estava exausta, e deitei. Depois de uns minutos, ele chegou no quarto com um livro dele, forrado com um pano de prato e, em cima, uma banana e um copo d’água: “Precisa se alimentar, mamãe.”. Abracei tanto aquele corpinho cheio de amor, que quase esqueci de comer.

Mas a família é um pouco maior. Não há laço de sangue, mas há uma colcha de retalhos, que eu costurei com muito, muito amor.

A minha turma do Mestrado é feita por pessoas incríveis, com as quais ri e chorei intensamente. Compartilhamos as angústias do cenário político do país, lutas grandes e “pequenas” do cotidiano, alegrias dentro e fora da UFPE. Risos e lágrimas que nos uniram para toda a vida. Torci, comemorei e continuo torcendo e comemorando as conquistas de cada uma. Nunca vou esquecer a empatia, resiliência e bom humor de Dani Sotero; o cuidado e dedicação a minha saúde, de Adelle, em um momento extremamente difícil, companheira de lutas individuais e coletivas; a alegria de Laerte; o carinho de Débora; o companheirismo e alegria de Gaby. Essa turma me deu também Isabella. Parceira. Para ela toda minha gratidão por tudo que vivemos nesse

pedaço da nossa trajetória, que abarcou todos os aspectos da minha vida. Cuida de mim e eu cuido dela.

Nesse período, eu tive o carinho, companheirismo e amizade genuína de pessoas muito especiais. A Teo, sou grata por ser meu ponto de racionalidade, no meu mar agitado de emoções. Pelos momentos de música e de comida, que tanto tivemos! A Nayara, pela paciência, carinho e cuidado com minha saúde mental, pela amizade que me deu de presente. A Juan Thallys, que, docemente, me ajudou, com minha saúde física e vida espiritual. A Santiago, que me proporcionou algumas das minhas maiores lições de vida, em um espaço de tempo recorde! Meu aconchego, minha cura de paz e música, meu maior conflito pessoal de ideias, subjetividade e maneira de encarar a vida. Minha torcida mais doce e realista, que me impulsionou, em todo esse meu processo de pessoa, que vive, ama, escreve dissertação e faz seleção para Doutorado! Entre tantas coisas possíveis e limitáveis, escolhemos e construímos a generosidade.

Na academia, eu tive duas formações: a de psicóloga e pesquisadora e a que o Gema me proporcionou, que ainda não consigo nomear, pois envolve minha descoberta como mulher negra e feminista e envolve também minha concepção sobre coletividade. Depois do Gema, não consigo pensar que qualquer coisa que eu faça, seja um projeto solo. Passei a enxergar o que faço como algo coletivo, onde eu alimento e sou alimentada.

Ao Gema que me acolheu, minha gratidão. Coordenadores, Jorge e Benedito, e demais pesquisadoras, com as quais eu cresci, ao longo dessa caminhada. Especialmente, meu orientador, Jorge, são cinco anos de aprendizado e afeto. Sob os cuidados dele, eu nasci para a política e para a academia. Sou grata pela preocupação comigo, pelo incentivo a superar as dificuldades. Não consigo mensurar a importância de Jorge na minha vida. Gratidão por essa caminhada, mestre. Nós conseguimos!

A CAPES, financiadora desta pesquisa, tornando-a viável.

Ao Gema que está dentro de mim...

Eu dedico esse trabalho às pessoas que o Gema me trouxe, mas que a vida tomou conta, de uma maneira que os limites da universidade passaram a não ter sentido. São as pessoas que me orientaram nos meus trabalhos; me ajudaram com dúvidas; estudaram (mais) comigo; compartilharam atividades; andaram comigo na rua, por direitos. Mas também, me mostraram limites para minha saúde física e mental;

me acolheram nos momentos difíceis, com amor e sensatez; viveram comigo alegrias incríveis, inesquecíveis; compartilhamos todas as “dores e delícias de sermos quem somos”.

Dedico esse produto e processo a elas: Laís Hellen Barros, Anna de Cássia Pessoa, Carolina Barros, Marília Torres, Fernanda Ximenes, Bruno Carvalho, Celestino Galvão, Diego Paz, Luiz Braúna, Yuri Henrique, Juliana Keyla, Túlio Quirino, Michael Machado, Rodrigo Lira e Nathália Tavares. Fizemos isto juntas. Sou, porque somos, Ubuntu.

Mulher índia, caminhando para a escola ou trabalho, lamentando a falta de tempo para tecer a escrita em sua vida. Asiático-americana, lésbica, mãe solteira, arrastada em todas as direções por crianças, amante ou ex-marido, e a escrita. (ANZALDUA, Glória, 2000, p. 229)

## RESUMO

O objetivo deste estudo foi analisar a produção de sentidos sobre cuidados com crianças de homens pais. Seus objetivos específicos foram: 1) Identificar experiências cotidianas de cuidado, no contexto doméstico; 2) Analisar posicionamentos dos homens pais, em relação à divisão no cuidado com crianças entre eles e outras mulheres; 3) Analisar, a partir das práticas discursivas dos homens pais, os aspectos socioculturais que influenciam no exercício dos direitos reprodutivos. Para tanto, os procedimentos metodológicos realizados foram entrevistas estruturadas com 45 homens pais de crianças com até 4 anos de idade. A interpretação das informações produzidas foi de natureza qualitativa, fundamentada na perspectiva da produção de sentidos e práticas discursivas, sob um olhar feminista das relações de gênero. Observamos que a maneira que os homens exercem seus direitos reprodutivos está relacionada com suas vivências de cuidado, durante a infância; com o autocuidado; com sua relação com os serviços de saúde, de nível básico; e com suas situações de emprego/trabalho. Seus contextos de vida mostram que aspectos, como estar empregado e conviver no mesmo domicílio que a mãe da criança, não são determinantes para hipotéticas dificuldades e ausências no cuidado. Consideramos que, para além, da análise quantitativa possível para este desenho metodológico, foi possível realizarmos uma leitura qualitativa acerca das práticas de cuidado de homens pais, pois a extensão do conjunto de participantes possibilitou a visibilidade de diversas experiências, com a influência de diferentes aspectos da vida que poderiam ou não representar potencialidades e adversidades para experiências mais equitativas, dentro do contexto doméstico. Com isto, acreditamos que uma visão ampla da experiência dos sujeitos, desde os aspectos individuais aos aspectos macroestruturais e culturais, podem ser um caminho coerente para compreender os marcadores sociais envolvidos na produção de sentidos sobre o cuidado. Vistos de maneira relacional, em um contexto de rígida construção acerca de uma masculinidade hegemônica, que relega às mulheres tal prática e compromete possibilidades múltiplas de experiências de cuidado com crianças, protagonizadas pelos homens, entre eles os que são pais.

Palavras-chave: Homens. Gênero. Sentidos. Práticas. Cuidado.

## **ABSTRACT**

The objective of this study was to analyze the production of meanings about male parents in child care. Its specific objectives were: 1- To identify daily experiences of care, in the domestic context; 2- Analyze the positioning of men, in relation to the division between them and other women, in the care of children; 3- Analyze, from the discursive practices of male parents, the sociocultural aspects that influence the exercise of Reproductive Rights. As a methodology, structured interviews were conducted with 45 male parents of children up to 4 years of age. The interpretation of the information produced is of a qualitative nature, based on the perspective of the Production of Discursive Senses and Practices, under a feminist view of gender relations. We note that the way men exercise Reproductive Rights is related to their care experiences during childhood; with self-care; with its relationship with health services, basic level; and with their employment / work situations. Their contexts of life show that aspects, such as being employed and living in the same home as the child's mother, are not determinant for hypothetical difficulties and absences in care. We considered that, in addition to the quantitative analysis possible for this methodological design, it was possible to perform a qualitative reading about the care practices of men, since the extension of the set of participants allowed the visibility of several experiences, with the influence of different aspects of the life that could or might not represent potentialities and adversities for egalitarian experiences within the domestic context. With this, we believe that a broad view of the subjects' experience, from individual aspects to macrostructural and cultural aspects, can be a coherent way to understand the social markers involved in the production of meanings about care. Seen relationally, in a context of rigid construction on a hegemonic masculinity, which relegates women to such a practice and compromises multiple possibilities of experiences of caring for children, carried out by men.

Keywords: Men. Gender. Senses. Practices. Care.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|              |                                                                                                                            |    |
|--------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Quadro 1 –   | Artigos selecionados em revisão de literatura .....                                                                        | 21 |
| Figura 1 –   | Mapa da RPA 4.3 .....                                                                                                      | 39 |
| Quadro 2 –   | Estratificação da amostra proporcional faixa etária –<br>população masculina, Microrregião 4.3 da cidade do<br>Recife..... | 46 |
| Quadro 3 –   | Questões de entrevista .....                                                                                               | 47 |
| Quadro 4 –   | Perfil sociodemográfico dos participantes .....                                                                            | 51 |
| Gráfico 1 –  | Auto declaração de cor .....                                                                                               | 54 |
| Gráfico 2 –  | Religião .....                                                                                                             | 54 |
| Gráfico 3 –  | Escolaridade .....                                                                                                         | 54 |
| Gráfico 4 –  | Situação conjugal .....                                                                                                    | 55 |
| Gráfico 5 –  | Núcleo familiar .....                                                                                                      | 55 |
| Gráfico 6 –  | Situação de trabalho .....                                                                                                 | 56 |
| Gráfico 7 –  | Renda .....                                                                                                                | 56 |
| Quadro 5 –   | Distribuição de tarefas .....                                                                                              | 58 |
| Gráfico 8 –  | Cuidado diário .....                                                                                                       | 61 |
| Gráfico 9 –  | Ficar em casa, quando a criança está doente.....                                                                           | 61 |
| Gráfico 10 – | Buscar na escola .....                                                                                                     | 62 |
| Gráfico 11 – | Atividades de lazer em dias de semana .....                                                                                | 62 |
| Gráfico 12 – | Atividades de lazer em finais de semana .....                                                                              | 63 |
| Quadro 6 –   | Atividades do cotidiano .....                                                                                              | 65 |
| Gráfico 13 – | Relação tempo x trabalho .....                                                                                             | 68 |
| Gráfico 14 – | Relação tempo x trabalho .....                                                                                             | 68 |
| Gráfico 15 – | Responsabilidade financeira .....                                                                                          | 69 |
| Gráfico 16 – | Fim do relacionamento e relação com filhos\as .....                                                                        | 70 |
| Gráfico 17 – | O papel no cuidado .....                                                                                                   | 70 |
| Gráfico 18 – | Cuidar diariamente* .....                                                                                                  | 71 |

|              |                                                    |    |
|--------------|----------------------------------------------------|----|
| Gráfico 19 – | Ficar em casa, quando a criança está doente* ..... | 71 |
| Gráfico 20 – | Buscar na escola* .....                            | 72 |

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

|        |                                                          |
|--------|----------------------------------------------------------|
| ACS    | Agente Comunitária de Saúde                              |
| BVS    | Biblioteca Virtual em Saúde                              |
| DH     | Direitos Humanos                                         |
| DR     | Direitos reprodutivos                                    |
| DS     | Direitos Sexuais                                         |
| GEMA   | Núcleo Feminista de Pesquisas em Gênero e Masculinidades |
| NV     | Nascidos Vivos                                           |
| PD     | Práticas Discursivas                                     |
| PNAISH | Política Nacional de Atenção Integral a Saúde            |
| RPA    | Região Político-Administrativa                           |
| SUS    | Sistema Único de Saúde                                   |
| TCLE   | Termo de Consentimento Livre e Esclarecido               |

## SUMÁRIO

|          |                                                                                                             |           |
|----------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                                                     | <b>14</b> |
| 1.1      | Trajetória inicial de um campo-tema: da experiência ao objeto .....                                         | 15        |
| <b>2</b> | <b>REVISÃO DE LITERATURA.....</b>                                                                           | <b>20</b> |
| 2.1      | A questão relacional de gênero e o feminismo .....                                                          | 22        |
| 2.2      | Construcionismo Social e a perspectiva feminista.....                                                       | 27        |
| 2.3      | Epistemologia feminista como premissa .....                                                                 | 28        |
| 2.4      | Gênero e masculinidades .....                                                                               | 30        |
| 2.5      | O contexto dos Direitos reprodutivos e do cuidado com crianças .....                                        | 32        |
| <b>3</b> | <b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>                                                                    | <b>35</b> |
| 3.1      | Referenciais teórico-metodológicos: a produção de sentidos na investigação<br>de práticas discursivas ..... | 35        |
| 3.2      | Observações sobre o território .....                                                                        | 38        |
| 3.3      | Uma leitura qualitativa de informações quantificáveis .....                                                 | 42        |
| 3.4      | Procedimentos de produção de informações .....                                                              | 44        |
| <b>4</b> | <b>APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>                                                         | <b>49</b> |
| 4.1      | Análise da dialogia: numa pesquisa, tudo e todos falam .....                                                | 49        |
| 4.2      | Perfil sociodemográfico dos participantes.....                                                              | 50        |
| 4.3      | Proposta de análise à guiza da interanimação dialógica .....                                                | 56        |
| 4.4      | Em cena, os “coadjuvantes” .....                                                                            | 70        |
| 4.5      | Rupturas e permanências: os sentidos nas “contradições” .....                                               | 72        |
| 4.6      | Retomando a pergunta condutora .....                                                                        | 74        |
| <b>5</b> | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                                                                           | <b>77</b> |
|          | <b>REFERÊNCIAS .....</b>                                                                                    | <b>80</b> |
|          | <b>APÊNDICE A – SÍNTESE DO PROJETO PATERNIDADE E CUIDADO NOS<br/>SERVIÇOS DE SAÚDE.....</b>                 | <b>86</b> |
|          | <b>ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO</b>                                                                     |           |
|          | <b>LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>                                                                             | <b>89</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação de Mestrado foi orientada pela seguinte pergunta de pesquisa: Em que medida as práticas de cuidado com crianças podem ser entendidas como expressão do exercício dos Direitos reprodutivos de homens pais, em direção às relações equitativas entre homens e mulheres?

O objetivo geral deste estudo foi analisar a produção de sentidos sobre cuidados com crianças de homens pais. Seus objetivos específicos foram: 1) Identificar experiências cotidianas de cuidado, no contexto doméstico; 2) Analisar posicionamentos dos homens pais, em relação à divisão no cuidado com crianças entre eles e outras mulheres; 3) Analisar, a partir das práticas discursivas dos homens pais, os aspectos socioculturais que influenciam no exercício dos direitos reprodutivos.

A construção do título deste trabalho, bem como a própria pergunta norteadora, expressa, nas suas composições, a imbricação de conceitos e teorias, em diálogo, as quais identificamos como fundamentais para o campo que concebemos e produzimos. São, de alguma maneira, escolhas que se mostraram complementares e harmônicas, para a nossa investigação. É a maneira como produzimos e interpretamos as realidades a serem apresentadas na nossa discussão.

O segundo item, intitulado *Gênero, homens e cuidado no contexto dos direitos reprodutivos*, trata da revisão de literatura realizada, articulada com os conceitos que destacamos: gênero; masculinidades; Direitos reprodutivos (DR); e cuidado. Basicamente, para pensar o gênero, trouxemos Gayle Rubin (1986) e Maria Jesús Izquierdo (1992), com destaque para o aspecto relacional que conforma as relações de gênero, com Benedito Medrado e Jorge Lyra (2008); acerca das masculinidades, corroboramos com as contribuições de Robert Connel (1995); a questão dos Direitos reprodutivos e do cuidado estão alinhados com os estudos de Betânia Ávila (2003) e Juan Guillermo Figueroa (2012). Concebemos a revisão de literatura como parte importante nesta construção, sendo indissociável o diálogo com aspectos estruturantes, na compreensão do campo.

O terceiro momento do texto apresenta aspectos teórico-metodológicos que situa nosso trabalho na perspectiva feminista; bem como na concepção das informações como elementos de práticas discursivas e produção de sentidos.

A perspectiva feminista caracteriza o nosso lugar de problematização das ordens tradicionais do fazer científico e das relações de gênero, bem como os

marcadores de sexo, envolvidos nas práticas sociais. Segundo Sandra Harding (1999), podemos falar em método feminista, se ampliarmos a ideia de método para além dos procedimentos técnicos de uma investigação, pensando, assim, em uma epistemologia feminista.

Adotamos também as reflexões construcionistas que concebe a noção de práticas discursivas e produção de sentidos (SPINK, 2003) considerando a relevância da linguagem como produtora e produto de posicionamentos, considerando uma série de aspectos subjetivos e institucionais. Trata-se de uma perspectiva que nos auxilia na compreensão do que é dito no que se fala e no que se faz ou que se declara que faz.

### 1.1 Trajetória inicial de um campo-tema: da experiência ao objeto

A noção de campo, segundo Peter Spink (2003), em linhas gerais, pode ser concebida como na Antropologia: o campo é onde a pesquisadora está, mas não se refere, necessariamente a um lugar, e sim a um assunto. Desta forma, o campo é constituído pelo tema, que por sua vez tornou-se relevante, porque a proposta de visibilizá-lo o tornou legitimamente um campo, com possibilidades de investigação e diálogo.

Por isso, Spink (2003) propõe o termo *campo-tema*, pois melhor expressa a ideia global do que vem a ser esse “espaço” que nada tem de físico, mas sim psicológico. E não somente o assunto constitui o campo, mas também a pesquisadora, que movida pela curiosidade, pelas afetações e pela ideia de que pode ser útil a determinada situação, constrói argumentos – para si e para os outros, que por sua vez também compõem o campo, numa relação dialógica – que o tornam *psicologicamente relevante*.

A proposta de um estudo feminista impulsiona a pesquisadora à atitude política de enxergar-se integrante do contexto, no qual localiza seu problema de pesquisa, de maneira que possibilite conhecer a ética de seu trabalho, ou como este problema existe em sua vida. Permite uma aproximação com o tema pesquisado, importante para compreender que se trata de uma produção de diversas atrizes, e não uma luz que incide em um campo exterior, e à parte, do que lhe afeta. É, portanto, um espaço de atuação, no qual seu posicionamento está em todo momento, desde a concepção do problema de pesquisa – com todos os aspectos pessoais e sociais que o trouxeram – até os usos de seus produtos. É o que Mary Jane Spink (2004) nomeia como um

processo de reflexividade, necessário à prática da pesquisa concebida como uma prática social, como uma prática humana (SPINK, 2004).

Sou psicóloga, pesquisadora, integrante do Núcleo Feminista de Pesquisa em Gênero e Masculinidades (GEMA/UFPE), atuando na linha de pesquisa “Direitos reprodutivos, políticas de cuidado e saúde”, e, durante cinco anos, estive envolvida no campo dos Direitos reprodutivos (DR), com foco na paternidade. Ou seja, a questão dos homens e o exercício dos Direitos reprodutivos são caras para mim, sob o ponto de vista de que se há homens que desejam exercer a paternidade e o cuidado, de maneira geral, que isto seja possível, nas dimensões pública e privada. E também, acredito que direitos sexuais e direitos reprodutivos são parte importante para relações de gênero mais equitativas. Neste sentido, ao nosso ver, Direitos reprodutivos para os homens também pode ser uma questão feminista.

Segundo Betânia Ávila (1999), a demanda por direitos reprodutivos é reconhecidamente uma reivindicação histórica das mulheres. Contudo, conceber homens como atores e sujeitos de políticas é pensar as diferenças de populações, de maneira que seja possível a visibilidade de demandas, como também a visibilidade de relações solidárias, de responsabilidade mútua com as vivências de reprodução, entre mulheres e homens.

As indagações que proponho nesta dissertação foram oriundas de um projeto mais amplo intitulado “Paternidade e cuidado nos serviços de saúde” – com o apoio do Edital do CNPQ - CHAMADA UNIVERSAL MCTI/ CNPq - Nº 14/2014 – que tinha como objetivo conhecer e analisar a dinâmica da atenção à saúde do homem e o exercício dos direitos reprodutivos para esta população, além de propor, posteriormente, ações de formação técnica às profissionais da saúde do município de Recife (síntese do projeto em anexo). Uma proposta do GEMA em parceria com o Instituto Papai - ONG feminista que atua no campo dos direitos sexuais e direitos reprodutivos, na perspectiva de equidade de gênero.

Em Setembro de 2015, realizamos a fase de entrevistas estruturadas com 400 homens, residentes do Distrito Sanitário IV, em Recife/PE. Neste momento da pesquisa, que priorizou ouvir os homens, participei da elaboração do instrumento (entrevista estruturada), do planejamento de produção de dados e da execução, através de supervisão de equipe de entrevistadores/as. Em um formulário de entrevista extenso e bastante diverso - cujo conteúdo passou por temas como, cuidado com crianças, autocuidado, relação com a família, violência, entre outros –

tive a oportunidade de vivenciar um campo de pesquisa repleto de desafios de vários tipos, desde o receio de estar dentro das casas de homens, muitas vezes sozinha, até a abordagem de assuntos delicados, na interação face-a-face. Não foi fácil. Contudo, representou um salto de amadurecimento para mim, no lidar com os temas acerca das masculinidades, foi uma ampliação do meu olhar sobre os homens e suas demandas: me desfiz de alguns preconceitos; aprendi a lidar com situações de relatos de violência e ameaças iminentes a mim e a pesquisadoras sob minha supervisão; me tornei mais sensível às diversas demandas de homens com situações (a)diversas de moradia, de saúde física e mental e de histórias de vida.

Nesta vivência, aprendi sobre o “terreno” tênue entre a postura de evitar o discurso de culpabilização dos homens e a de romantizar uma masculinidade, que ao meu olhar, dos direitos reprodutivos, poderia ser possível, pelo desejo de possibilitar relações mais equitativas e livres para o exercício de desejos e de direitos de/para os homens (MEDRADO, 1997). Concluí essa experiência distanciando-me dos extremos, me encontrando “confortável” no limiar sensível das diferenças, sejam elas subjetivas ou sociais, e no “desconforto” - que se fez inquietação - de conhecer a complexidade.

O resultado do amadurecimento que reconheci em mim foi o deslocamento dos meus esforços em problematizar a formulação e a implementação de políticas públicas para os direitos sexuais e Direitos reprodutivos e compreender o que é ser pai, para os homens, para um momento de refletir e analisar a dimensão relacional de gênero, no campo dos DR e de que maneira o exercício dos DR pode ser (re)produtores de uma sociedade de liberdade e equidade entre homens e mulheres (LYRA, 1997). Não se trata, apenas, de uma questão metodológica (SPINK, 2003), mas da materialização da minha atitude ética e política, diante do que eu construí em minha vida acadêmica, até então, e do que construí coletivamente, neste momento de amadurecimento, acerca deste campo-tema, no qual me reconheci e me reconheço como mulher pesquisadora feminista.

Portanto, dando continuidade à compreensão da amplitude do problema de pesquisa proposto, é necessário localizar os DR, nas políticas públicas, sendo relevante mencionar programas que propõem atenção aos homens e mulheres, em níveis nacional e local, como a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem – PNAISH (BRASIL, 2009) e Programa Rede Cegonha (BRASIL, 2011) no

nível nacional, bem como o Programa Mãe Coruja (PERNAMBUCO, 2012), nos níveis estadual e municipal <sup>1</sup>.

No empreendimento de políticas públicas para acolher e visibilizar as demandas dos homens no serviço de saúde, o Ministério da Saúde buscou, no ano de 2009, desenvolver e divulgar diretrizes que fortalecem as redes de serviços e cuidados relativos à saúde do homem. Neste sentido, a PNAISH possui linhas temáticas, que abordam demandas específicas dos homens, como a de “direitos sexuais e reprodutivos”. O texto da PNAISH defende o direito dos homens a vivenciar a paternidade como desejam, inclusive no acompanhamento da gravidez, no pré-parto, parto e pós-parto (BRASIL, 2009).

Assim como a PNAISH, política de dimensão nacional, outro programa no contexto estadual foi implementado, em consonância com as diretrizes do SUS, no que diz respeito à saúde reprodutiva e saúde das crianças e de adolescentes, como o Programa Rede Cegonha e Programa Mãe Coruja Pernambucana e Programa Mãe Coruja Recifense. Tais Programas visam diminuir os casos de morbi-mortalidade materna e de crianças (nascidos vivos – NV), provendo atenção à saúde, desde o planejamento reprodutivo até o desenvolvimento infanto-juvenil de filhos/as das mulheres inseridas nos programas e trazendo a importância do envolvimento da família neste contexto de cuidado (PERNAMBUCO, 2012).

A elaboração e implementação destes Programas expressam a importância do debate sobre saúde e DR, bem como a preocupação do Estado com esta temática, ao viabilizar a atenção às demandas do Ministério da Saúde e da Sociedade Civil Organizada. Contudo, dentre políticas fundamentais para mulheres e crianças, o lugar secundário dos homens ainda representa uma lenta construção de concepções sobre paternidades, sobretudo de concepções de relações de gênero, no contexto do cuidado.

Para além dos Programas mencionados, e, principalmente, por representar a dimensão global da importância dos Direitos reprodutivos, vale salientar que se tratam

---

<sup>1</sup> Importante ressaltar que a elaboração do projeto guarda-chuva desta pesquisa, bem como a etapa de produção de informações aconteceram no período de gestão da Presidenta Dilma Rousseff, gestão esta marcada pela implementação de Políticas Sociais em diversos âmbitos, em continuidade ao Governo anterior, o de Luiz Inácio Lula da Silva, a exemplo da PNAISH (2009). O contexto atual, desta dissertação, envolve uma mudança extrema, no que diz respeito à garantia de Direitos Humanos, com a tomada criminosa da presidência, pelo então Presidente Michel Temer. Fato que, sem dúvida, põe em risco direitos já conquistados, o que tem mudado significativamente o cenário político, social e financeiro do país nos diferentes níveis de governo.

de Direitos Humanos (DH), portanto, direitos que não excluem atores da vida reprodutiva. Em um contexto em que a “feminilização da reprodução” dificulta a concepção de direitos reprodutivos para os homens, consistem de dispositivos de promoção à liberdade e igualdade de gênero (FIGUEROA, 2000).

Entendemos que a iniquidade, no que diz respeito ao cuidado de si e o cuidado com o outro, assim como o exercício da sexualidade para homens e para mulheres, estão inscritos em ideais engessados de feminino e masculino, que excluem os homens da esfera dos direitos reprodutivos - no âmbito social, institucional e subjetivo - aspectos da construção das masculinidades, que reproduzem e constroem sentidos, acerca do exercício dos direitos reprodutivos, na vida dos homens (LYRA, 2008).

Estudos que tensionam práticas de cuidado tem alcançado visibilidade, no debate sobre relações de gênero, especialmente nas Ciências Humanas e Sociais. Segundo Juan Guillermo Figueroa Perea (2012), o cuidado tem características que “definem certos modos de socialização e interação”. O autor cita o estudo que representa um marco nesta ênfase, entre as produções acerca das relações de gênero, *In a different voice*, livro escrito por Carol Gilligan, em 1982. A relevância deste trabalho é a contribuição para pensarmos formas diferentes de ver o mundo e de nos relacionarmos, rompendo com a concepção de cuidado como tarefa feminina, deslocando os referenciais de julgamento de valores morais para o exercício da liberdade e igualdade entre mulheres e homens, nas dimensões pública e privada do cuidado (FIGUEROA PEREA, 2012)

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

Para sustentar a discussão acerca de homens e cuidado com crianças, articularemos alguns conceitos-chave, que emergiram do campo, ou seja, no levantamento bibliográfico e na execução do instrumento, a partir da nossa interpretação, ao construir nosso problema de pesquisa. Sendo assim, elencamos os conceitos e contribuições sobre relações de gênero, masculinidades, direitos reprodutivos e cuidado. Neste momento, agregaremos tais conceitos na nossa discussão, em diálogo com a revisão de literatura.

O processo analítico e crítico que nos levou ao presente objeto de pesquisa conta com a trajetória de levantamento bibliográfico realizado para a pesquisa mais ampla, que deu origem a esta. Ou seja, a partir da pergunta de pesquisa do projeto guarda-chuva “Qual o lugar dos serviços de Saúde no envolvimento dos homens no cuidado com crianças? ”, foi feita uma revisão de literatura sistemática e, então, buscamos realizar o recorte necessário para a pergunta de pesquisa.

Assim, nesta revisão sistemática, da pesquisa mais ampla, buscamos produções que tem como base pesquisas realizadas no Brasil, escritas em português, no período entre 2005 e 2017, nas bases de dados Scielo, e BVS. Os descritores utilizados foram: “homens+saúde”, “homens+violência” e “homens+cuidado”. Dado o número bastante extenso de trabalhos, excluímos as teses e dissertações, e, através dos títulos, as produções no contexto Jurídico e da Educação, uma vez que nosso foco foi nos serviços de Saúde.

Chegamos, inicialmente, ao quantitativo de 186 artigos, dos quais retiramos as pesquisas que não tinham a Saúde como pano de fundo, como já foi mencionado, sendo que, neste momento, o filtro aconteceu através da leitura dos resumos dos artigos, restando, assim, 41 textos, para o *corpus* de análise. Com este resultado, trabalhamos em uma análise mais detalhada, organizando cada produção em categorias descritivas, que caracterizam os textos. Posteriormente, realizamos a leitura dos textos completos e destacamos trechos que apresentassem satisfatoriamente a ideia central e os aspectos mais relevantes da pesquisa.

Neste momento, voltamos a olhar para a pergunta de pesquisa, do projeto guarda-chuva, e excluímos artigos que fugiam do foco de homens, cuidado com crianças e serviço de saúde e/ou aqueles que tinham fragilidades significativas no texto e execução da pesquisa, restando 26 artigos.

Contudo, para o presente estudo, o *corpus* de análise deste levantamento está nos 41 artigos encontrados na penúltima etapa do grande levantamento, por abarcar elementos da atual pergunta. Destes artigos, 11 se aproximam do debate aqui proposto, por tratarem, de alguma maneira, práticas de cuidado e sentidos produzidos, vivenciadas por homens pais:

QUADRO 1- Artigos selecionados em revisão de literatura

| TÍTULO                                                                                                                | AUTORIA                                                        | ANO  | ÁREA DE PUBLICAÇÃO |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------|------|--------------------|
| A transição para a paternidade: da gestação ao segundo mês de vida do bebê                                            | Adriane Krob; César Piccinini; Milena Silva                    | 2009 | Psicologia         |
| Crenças de pais e mães sobre investimento parental                                                                    | Tatiana Bandeira e Maria Lúcia Moura                           | 2012 | Psicologia         |
| Cuidar e o conviver com o filho prematuro: a experiência do pai.                                                      | Daisy Tronchin e Maria Alice Tsunechiro                        | 2006 | Enfermagem         |
| Gênero e a distância entre a intenção e o gesto.                                                                      | Clara Araújo e Celi Scalon                                     | 2006 | Ciências Sociais   |
| Gênero, gerações e espaço doméstico: trabalho, casa e família                                                         | Mara Lago, Carolina Souza, Eriksson Kaszubowski, Marina Soares | 2009 | Psicologia         |
| Guarda paterna e representações sociais de paternidade e maternidade.                                                 | Elaine Vieira e Lídio de Souza                                 | 2010 | Psicologia         |
| Novos arranjos familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família. | Juliana Perucchi e Aline Beirão                                | 2007 | Psicologia         |
| Participação do pai no processo da amamentação: vivências, conhecimentos, comportamentos e sentimentos                | Cleide Pontes; Aline Alexandrino; Mônica Osório                | 2008 | Enfermagem         |
| Participação paterna no cuidado de crianças pequenas: um estudo etnográfico com famílias de camadas populares         | Vânia Bustamante e Leny Trad                                   | 2005 | Saúde Coletiva     |
| Paternidade e desemprego: características do envolvimento paterno e aspectos do relacionamento familiar               | Carmen Souza e Silvia Benetti                                  | 2008 | Psicologia         |
| Reverso estereótipos: o papel dos homens no trabalho doméstico                                                        | Maria Cristina Bruschini e Arlene Ricoldi                      | 2012 | Sociologia         |

A revisão de literatura assume, a partir de agora, a característica de uma revisão dialógica<sup>2</sup>, que se propõe sistêmica, por representar possibilidades de diálogo entre o que já foi produzido e o que está sendo discutido, em um determinado contexto

<sup>2</sup> A etapa da pesquisa, a qual denominamos como revisão de literatura, no fazer científico, pode ser um momento também de construção e criatividade, se estabelecermos algum diálogo com a comunidade e com o que foi produzido acerca do objeto pesquisado. Para além da ideia de uma prática de reprodução, a revisão de literatura pode corroborar com o sentido de dialogia, especialmente com autoras das produções destacadas. “A comum eliminação do pesquisador do processo de pesquisa em detrimento de leis, racionalidades e objetividades nos levou a uma visão um tanto higienizada de pesquisa e ciência.” (MONTUORI, 2005; BERNARDES, 2016).

de produção de conhecimento. Por este motivo, as ideias destacadas dos textos da revisão de literatura estão em diálogo com produções acerca do debate teórico-conceitual desta pesquisa.

## 2.1 A questão relacional de gênero e o feminismo

Para Maria Jesús Izquierdo (1992), a perspectiva de gênero não existe em detrimento de todas as desigualdades de qualquer natureza, pois “utilizar o sistema sexo/gênero como ferramenta teórica para interpretar a realidade” (IZQUIERDO, 1992, p. 48) é dizer que a desigualdade entre homens e mulheres se faz presente na maneira como as *pessoas*, nas relações, produzem sua existência. Para reiterar esta afirmativa é importante enfatizar que aquilo que a sociedade reserva ao feminino ou ao masculino é produto de uma relação desigual que independe do fato de serem atividades ou subjetividades protagonizadas por um homem ou uma mulher. Isto quer dizer, portanto, que o sexo não é o centro da desigualdade, mas sim as relações de gênero.

Na pesquisa realizada por Elaine Vieira e Lidio de Souza (2010), foram entrevistados 11 homens pais que cuidam de filhos e vivem com eles - sem presença de outra mulher, na residência - e constataram que a rotina é semelhante a de mulheres que cuidam de crianças, envolvendo os diversos compromissos e dificuldades, bem como sentimentos de satisfação pela convivência e sobrecarga pelas responsabilidades. Porém, destacam diferenças relativas à expressão de afeto, evidenciando a questão de gênero envolvida:

Alguns pais avaliam que poderiam ser mais carinhosos com os filhos. Ressaltam sua dificuldade nessa área e gostariam de melhorar, apesar de justificarem que a mulher possui maior facilidade para expressar seus sentimentos do que o homem. Por isso, tendem a se relacionar melhor com os filhos do que com as filhas. (VIEIRA; SOUZA, 2010, 586).

Algumas vertentes feministas se ocuparam das questões das mulheres, falando de mulheres, sobre mulheres, para as mulheres. No entanto, problematizando sobre que questões estão no repertório das teorias feministas, que problemas e/ou perguntas de pesquisa estão em trânsito nas produções acadêmico-científicas. Falar de homens é, também, pertinente ao Feminismo, pois tratar das relações de gênero de maneira unilateral leva-nos a incorrer no erro de enfatizar o sistema privilégio-

subordinação por trás da submissão de mulheres, à ignorância da opressão gerada pelos paradigmas que pesam sobre os homens.

A ênfase na vitimização de mulheres pode invisibilizar os efeitos negativos (nos homens) do exercício de poder dos homens e dificultar inclusive a superação das desigualdades. Desta forma, uma leitura feminista das demandas de direitos, em especial, direitos reprodutivos, representa uma perspectiva ampla e plural da relação entre direitos e privilégios (MEDRADO; LYRA, 2008), entre vítimas e algozes, e das relações de poder.

Entretanto, não caminhamos no sentido de uma possível inversão de sentidos, em relação aos lugares de vítima e algoz, colocando os homens em situação de vítimas, como mencionamos, no início deste trabalho. Trata-se, apenas, do reconhecimento do ônus do binarismo de práticas, das dicotomias que recai também sobre os homens. Como bem destacam Vieira e Souza (2010) homens que cuidam não devem ter qualquer *status* de superioridade: “Apesar de não se considerarem ‘pais especiais’ por cuidar sozinhos dos filhos, sabem que fazem parte de um pequeno grupo que assume a guarda (VIEIRA e SOUZA, 2010. p. 592). Lago e colaboradoras destacam, ainda, que:

Os movimentos feministas pela igualdade de direitos lutavam pelo reconhecimento das capacidades das mulheres, seu acesso à educação e às profissões e funções que lhes eram dificultadas pela naturalização das características diferenciais que lhes eram atribuídas. A conquista desse reconhecimento acompanhou a sobrevalorização das funções masculinas que as mulheres lutavam por atingir, em detrimento das funções e afazeres que lhes eram atribuídos tradicionalmente. (LAGO e Cols., 2009. p. 357)

Dentre as reflexões acerca das bases da submissão das mulheres e o protagonismo dos homens, a antropóloga feminista Gayle Rubin (1986) aponta para a relevância das relações para compreender o fundamental da hierarquia entre homens e mulheres. Ela lembra que determinadas atribuições ou características de objetos e pessoas não as define, ou seja, segundo Rubin, “uma mulher é uma mulher”, o que a torna esposa, doméstica, prostituta são as relações (RUBIN, 1986. p. 96). Pontes, Alexandrino e Osório (2008) trazem um exemplo muito simbólico de prática naturalizada como feminina e de difícil ruptura na produção de sentidos, a amamentação:

Estes comportamentos podem ser produtos do processo histórico, social e cultural da paternidade, os quais foram internalizados pela

sociedade até os dias de hoje, naturalizando através dos tempos e da própria cultura o que pertence ao homem e a mulher e, desta maneira, distanciando o homem das tarefas femininas, sendo a amamentação ainda de responsabilidade apenas da mulher. (PONTES, ALEXANDRINO e OSÓRIO, 2008. p. 363)

Os questionamentos de Rubin (1986) tomam como ponto de partida o pensamento sobre o que há entre a mulher assim como nasce (a fêmea) e a mulher adjetivada, conforme os interesses e conveniências dos homens, e segue no sentido de analisar este processo de naturalização destes adjetivos para corroborarem e serem corroborados por práticas que polarizam o que é dito masculino e o dito feminino.

Contudo, vale salientar que a noção do sistema sexo/gênero propõe uma dimensão relacional para as práticas sociais, no que diz respeito às experiências das mulheres e dos homens. Segundo Benedito Medrado e Jorge Lyra (2008), “relacional” não sugere complementaridade, mas sim assimetria de poder, “Ou seja, deve-se adotar a perspectiva de gênero, buscando compreender como diferenças se constituem em desigualdades, indo além dos sexos como determinantes biológicos e da ‘di-visão’ sexual do mundo. ” (MEDRADO; LYRA, 2008. p. 819).

Os autores ressaltam, ainda, que o caminho para uma leitura feminista de tais relações não toma a ideia de vitimização das mulheres e culpabilização dos homens, pois mais importante do que buscar os culpados é buscar a maneira como se institucionalizam e se atualizam práticas tradicionais de desigualdades de gênero. As reflexões devem orientar-se para além das reafirmações dos polos, devem fomentar o debate sobre construção de masculinidades e de feminilidades (MEDRADO; LYRA, 2008).

Segundo Izquierdo (1992), sobre as formas de uso do conceito de gênero, existe a “tendência da desconstrução” que enfatiza as lutas contra as desigualdades “em um coletivo”, que ênfases em diferenças femininas e masculinas findam por negligenciar um amplo leque de aspectos de alteridade entre indivíduos. Contudo, afirma que, na perspectiva de gênero, a ênfase nas diferenças desta ordem não existe em detrimento da relevância de outros aspectos da subjetividade; que a origem das desigualdades está na maneira como as pessoas, em suas relações, produzem sua existência, pois os ditos padrões masculinos e femininos são produto de uma relação desigual que não depende do fato da atividade ou comportamento serem vivenciados por um homem ou uma mulher.

Para Conceição Nogueira (2001), considerar a prevalência de semelhanças, em vez de distinções entre os sexos, traz a ignorância das formas diferentes, entre homens e mulheres, de lidar com a realidade. Segundo a autora, é possível sim a existência de muitas semelhanças, mas as formas de relacionamento com as instituições e exercícios de poder são diferentes. Neste sentido, podemos pensar movimentos diferentes para os feminismos, em uma trajetória não-linear, mas com ênfases distintas.

O feminismo empiricista não se afastou muito dos paradigmas do método científico, tampouco das *crenças acerca dos sujeitos das pesquisas e dos observadores*; novas reflexões e críticas ao sistema sexista não foram propostas, além disto o homem continuou sendo o centro das questões e a mulher o *outro* problematizado. Já no feminismo pós-moderno, uma terceira abordagem surgida das críticas às abordagens e programas anteriores, há distanciamento do discurso universalizante dos aspectos relativos à mulher (todas as mulheres) e foco na construção social das categorias de análise para a interpretação das questões sociais. A ideia de verdade absoluta é abandonada para ênfase da relativização das realidades, consideração do contexto e relações sociais. Os estudos pós-modernistas tem a linguagem e as relações sociais como centro e o conhecimento como necessariamente pragmático, além de conceberem a implicação social e política do conhecedor. O gênero, então, passa a ser concebido como uma construção (NOGUEIRA, 2001):

Assim, o pós-modernismo aceita a multiplicidade, a incoerência e o paradoxo, tudo o que os paradigmas positivistas sempre excluíram. Nega a aparente rigidez da linguagem sobre os significados estabelecidos, e é céptica acerca da natureza fixa da realidade. Reconhecendo que o significado é apenas aquilo com o que concordamos, os pós-modernistas descrevem um sistema mais amplo de possibilidades, contexto em que o gênero é encarado como passível de versões parciais e paradoxais (NOGUEIRA, 2001, p. 145).

Em estudo etnográfico, com famílias de baixa renda, Bustamante e Trad (2005) observaram, entre participantes, que há distinções, quanto às maneiras de cuidar de crianças, de acordo com o sexo, mostrando que os sentidos sobre o dito masculino e feminino perpassam práticas: “O gênero da criança envolve diferenças importantes nos modos de cuidar. Homens e mulheres consideram que a menina precisa de mais cuidados corporais que o menino, na higiene e na arrumação” (BUSTAMANTE; TRAD, 2005. p. 1870)

As diferenças nas relações de gênero e a maneira como abordamos a temática do cuidado com crianças são corroboradas pela literatura com a qual dialogamos, a inquietação acerca das realidades entre homens e mulheres é central também para ARAÚJO e SCALON (2006), através de artigo de título expressivo “Gênero e a distância entre a intenção e o gesto”. E neste caminho, de vários sentidos, compartilhamos de uma das questões das referidas autoras, como indagação semelhante a nossa. A tal “distância entre a intenção e o gesto”, segundo as autoras, passa pelas possíveis respostas à pergunta: “Em que medida ao já constatado trânsito das mulheres em uma direção – do doméstico para o público – corresponde um trânsito masculino em direção inversa?” (ARAÚJO; SCALON, 2006. p. 49). A questão, bem como as informações produzidas no estudo, suscita o debate sobre a cansativa repetição da dicotomia homem provedor e mulher cuidadora, quando a realidade observada é de que as mulheres estão realizando práticas de cuidado doméstico e também de manutenção financeira da família. Assim como os homens, estão, muitas vezes, em segundo plano, nesta manutenção, mas reproduzem sentidos de que as mulheres estão envolvidas, prioritariamente nos assuntos do lar.

Segundo Sandra Azerêdo (2010), teorizar acerca do gênero está para além de identificar em que lugar estão determinadas questões, em quais teorias se “encaixam” determinados problemas, ou seja, exige da pessoa, que discute gênero, um deslocamento do lugar familiar de onde concebe o conceito de gênero. De acordo com a autora “[...] para se estudar, efetivamente gênero, é preciso considerar os processos de subjetivação que nos constituem e também levar em conta o político, e este tem sido um ponto cego nas teorizações em psicologia.”.

Sandra Azerêdo (2010), discute sobre a maneira como tratamos de gênero em nossos estudos/produções, considerando os riscos no qual incorremos, de reduzir este conceito, conforme teorias. Segundo a autora, a “encrenca” se dá pela domesticação do conceito de gênero, considerando a fragilidade desta domesticação, diante de uma complexidade. A domesticação do conceito de gênero acontece quando o concebemos à luz das teorias de “nossas casas”, do que é familiar e confortável.

Seguimos em aproximações e estranhamentos entre perspectivas e realidades, através da literatura existente, com a intenção de sermos provocadas pelas diversas interpretações, sobretudo das repetições e do que diverge dos modelos predominantes.

## 2.2 Construcionismo social e a perspectiva feminista

A proposição e discussão do conceito de gênero, oriundo da segunda onda do movimento feminista, trouxe, sem dúvida, a possibilidade de pensar as relações de gênero, pautadas nas diferenças. O essencialismo destacou tais diferenças, porém seu legado passa, atualmente, pela distorção constante de seus intentos, na direção de dicotomias, como sexo-gênero, biológico-cultural.

As polaridades semeiam discursos que tem enraizado a ideia de um falso determinismo biológico, supostamente característico deste momento do movimento feminista. No entanto, segundo Nogueira (2001) a atual perspectiva, um terceiro momento, nomeada pós-moderna, discute a construção social de categorias e análise para a pesquisa social. Trata-se da concepção de negação da busca pela verdade e identidades fixas imutáveis. As relações sociais são, nesta perspectiva, premissa para a produção do conhecimento, sendo esta parcial e dinâmica. O *construcionismo social*, portanto, representa uma virada epistemológica para a Psicologia tradicional, de paradigmas científicos e produção de conhecimento.

Segundo Gergen (1985), o construcionismo social é um “artefato” da interação social e não uma realidade refletida, sob a ótica da ciência. Para a Psicologia esta perspectiva rompe paradigmas de localização de fenômenos mentais, no âmbito fisiológico, para uma concepção social multicêntrica:

Ou, numa perspectiva levemente diferente, as visões contemporâneas da profissão em questões como cognição, motivação, percepção, processamento de informação, e assim por diante, tornam-se candidatas à comparação histórica e transcultural. Na perspectiva construcionista, elas frequentemente constituem uma forma de etnopsicologia, situada histórica e culturalmente, institucionalmente útil, normativamente sustentada, e sujeita à deterioração e decadência com o transcorrer da história. (GERGEN, 1985.p. 313)

O autor considera, ainda, que no empreendimento da investigação científica baseada em estratégias de interpretação distintas do método científico tradicional, as feministas tem lançado questões e propostas de estudos coerentes com a ideia de uma ciência que se dissocia do fazer androcêntrico de ciência, feita por homens para homens e mulheres, sendo este reprodutor de opressões (GERGEN, 1985).

Sobre o gênero, Nogueira (2001) acrescenta que o caráter relacional deste conceito está para além da dicotomia homem-mulher, mas também para a condição mutável de construções para o gênero:

Deste modo o gênero não é apenas algo que a sociedade impõe aos indivíduos; mulheres e homens, eles próprios fazem o gênero e, ao fazê-lo, eles escolhem certas opções comportamentais e ignoram outras. Essa perspectiva desafia o caráter natural da diferença de gênero, sustentando que todas as características sociais significativas são ativamente criadas, e não biologicamente inerentes, permanentemente socializadas ou estruturalmente predeterminadas. (NOGUEIRA, 2001 p. 145)

O deslocamento de uma produção de conhecimento que busca categorizações de um “sujeito mulher”, para a perspectiva das relações e diferenças versa também sobre a concepção de masculinidades não determinadas pelo contraponto do que foi determinado para o dito feminino. Ampliar este olhar é um exercício de reflexão crítica para o próprio movimento feminista, na direção do consenso sobre a alternância entre “nomear [...] e desconstruir a categoria ‘mulher’” (NOGUEIRA, 2001, p. 150).

### 2.3 Epistemologia feminista como premissa

Para fundamentação das práticas, argumentações teóricas e lugar adotadas na investigação aqui apresentada buscamos contribuições significativas para a pesquisa social, em especial de uma perspectiva feminista, sobre um fazer científico estruturado na subversão de valores tradicionais legitimados na cultura essencialmente patriarcal. Talvez, mais que “fazer”, mas um “olhar” científico, pois está para além do aspecto pragmático e sim, também, para uma postura, um posicionamento.

Segundo Sandra Harding (1999), se faz necessário esclarecer as definições de método (técnicas para reunir informações); metodologia (teoria e análise dos procedimentos de investigação); e problema epistemológico (questões relacionadas com a teoria do conhecimento adequado). Para ela, tanto nos discursos tradicionais como nos feministas há confusão no que se refere à ideia de um método especificamente feminista. Um método de investigação é uma técnica ou maneira de reunir informações e, em pesquisa social, se classifica em três categorias: escutar os informantes; observar o comportamento; e analisar vestígios e registros históricos.

A autora afirma que o movimento de reduzir o termo “metodologia” à superficialidade de técnicas isoladas e tradicionais, faz com que o real sentido de aplicação e análise da teoria se confunda com regras de procedimento simplistas.

Segundo, Harding (1999), os estudos de metodologia tradicional tornam confusa a compreensão do lugar da mulher na vida social e atravessamentos de gênero nas relações.

Se trata de una perspectiva en la cual los fenómenos sociales (siguiendo metodológicamente a Marx), se definen por las relaciones que guardan entre sí. De ahí que la contextualización se vuelve un principio de primer orden todo a lo largo del proceso de investigación, desde la construcción de los objetos de estudio hasta el análisis de la información y la interpretación de los resultados (HARDING, 1999, p.7).

O enfoque (ou a falta dele) nas atividades das mulheres pesquisadoras sociais, sob o olhar androcêntrico, que prevalece no meio acadêmico-científico, tem como consequência análises superficiais do gênero feminino e seus respectivos feitos. Os estudos, especialmente empreendidos por mulheres, que destacam a importância das mulheres na vida pública, com funções e cargos antes dominados por homens, sem dúvida trazem à luz um lugar conquistado, há pouco tempo ignorado. Porém, tal destaque tende a invisibilizar importantes transformações nas práticas sociais, reprodutivas e sexuais no exercício da maternidade, por exemplo (HARDING, 1999).

A crítica à ciência tradicional se inicia, melhor dizendo, se fundamenta no argumento de que as questões são tratadas a partir das perspectivas dos homens, as que eles julgam importantes, com as “soluções” às questões que incidem sobre o feminino, mas sem algo que propunha transformar as formas e padrões designados ao comportamento sexual masculino (HARDING, 1999).

A autora traz, em seus estudos, questionamentos quanto às diferenças entre objetos de discussão sob a perspectiva dos homens e aqueles que despertam de fato o interesse de investigação das mulheres. Neste sentido o que vem “inquietando” as mulheres, ou seja, problemas de pesquisa a partir de suas experiências são questões como, por exemplo: o porquê dos homens se ocuparem em temas relativos ao engajamento social das mulheres em momentos assinalados pela história como os de maior progresso; o motivo pelo qual o cuidado doméstico e com os filhos tanto incomodam os homens; a explicação para o imperativo do impulso sexual masculino que pautam exercícios de poder; e a maternidade como condição natural da mulher.

Segundo a autora, a ciência sustenta como relevantes os problemas e hipóteses de investigação científica que comprovam qualidade em seus resultados, sem questionar, no entanto, sua procedência. O feminismo, por sua vez, traz que as perguntas que se formulam, assim como as que nunca são formuladas, se fazem tão

pertinentes quanto às respostas que vem a ser encontradas. Enfatiza, também, que as experiências sociais dos homens e das mulheres fornecem bases diferentes para a elaboração de conhecimento. Sandra Harding (1999) elucida que não se trata exatamente de um método feminista de pesquisa e sim uma teoria do conhecimento, de uma epistemologia feminista:

Empieza por la vida de las mujeres para identificar en qué condiciones, dentro de las relaciones naturales y/o sociales, se necesita investigación y qué es lo que puede ser útil (para las mujeres) que se interroge de esas situaciones (HARDING, 1999, p. 10)

Porém, lembra a autora, se deslocarmos a concepção de “método”, advindo da tradicional investigação científica, para esta forma de “adentrar” o feminino, conhecer suas demandas a partir de suas próprias experiências, é possível sim relativizar e pensar um método feminista (HARDING, 1999).

## 2.4 Gênero e Masculinidades

Em consonância com a ideia de conceber o gênero nas relações e com a concepção de cuidado como prática imbuída de sentidos diversos, sabemos que práticas estão para além da identificação de corpos e sexo, mas também para o que está num possível escopo de tarefas relegadas a homens e mulheres: “Adotar uma perspectiva relacional – e, portanto, não identitária – de gênero é considerar que gênero não refere-se unicamente a homens e mulheres e que as associações homem-masculino e mulheres-feminino não são óbvias.” (COSTA, 1998. p. 185).

Assim, masculinidade não se refere somente a homens, mas também a artefatos, eventos, sequências. Em determinadas situações, a masculinidade pode referir-se às mulheres. O que está em jogo são as relações que são estabelecidas e as atribuições de masculino e feminino elaboradas através dessas relações. (COSTA, 1998. p. 186).

Segundo, Bustamante e Trad (2005) o sentido sobre masculinidade é parâmetro para as divisões de tarefas domésticas e explica o padrão de práticas, relativas ao cuidado:

[...] quando, por necessidade, os pais oferecem cuidados catalogados como “*negócio de mulher*” – dar banho, dar comida, entre outros – eles se consideram, e são considerados pelas mulheres da família, fora de lugar. Para lidar com esta incongruência entre o que é esperado e o que acontece na prática aparece a ideia de que o homem estaria ajudando ou auxiliando a mulher. (BUSTAMANTE; TRAD, 2005. p. 1872).

Nos estudos de Bruschini e Ricoldi (2012), as autoras discutem estereótipos de práticas de homens, no contexto doméstico, e fazem uma ressalva, no que concerne às

formas de contribuição dos mesmos, no cuidado com crianças. Elas põem em primeiro plano o exercício da autoridade, como atribuição dos homens, no exercício da paternidade:

No caso do cuidado com os filhos, frequentemente mencionado nas falas, sobressai o papel do pai como provedor e como supervisor moral – aquele que corrige atitudes e comportamentos e sempre dá a última palavra na educação do filho – mais do que no papel de cuidar fisicamente do/s filho/s, ou seja, dar banho, alimentar etc. (BRUSCHINI e RICOLDI, 2012. p. 266)

O caráter relacional do gênero considera componentes das relações sociais que constituem e são constituídos pelo dito masculino e feminino, independente dos sujeitos concretos homem e mulher. Este aspecto identitário, que materializa sujeitos nos corpos do homem e da mulher, são, portanto, uma parte do conjunto de elementos que compõem a produção das diferenças entre gêneros. (COSTA, 1998). Afirmar, então, as diferenças no campo das relações de gênero é compreender que o essencialismo<sup>3</sup> não daria conta de “falar” sobre as mulheres, desconsiderando os homens, ou não seria suficiente para problematizar as bases da iniquidade.

Observamos, em estudos anteriores, que exercer o cuidado, para o homem, ainda é uma tarefa imbuída de sentidos atrelados a sua capacidade de executá-la, uma vez que os sentidos de cuidar estão imbricados com diferenças de gênero, no rol de característica ditas femininas. Em pesquisa sobre a transição da gravidez para a parentalidade, Krob, Piccinini e Silva (2009) destacam a fala de um pai:

Outras expectativas sobre o papel paterno foram mencionadas pelos pais, com destaque para as preocupações com a sua inexperiência e dúvidas quanto ao desempenho paterno: “Eu sou tri desastrado, já tô vendo todo mundo dizer ‘não faz assim, tá errado, tem que pegar diferente’, mas eu vou tentar pegar direitinho, cuidar, dar carinho.” (KROB, PICCININI E SILVA, 2009. p. 278)

Porém, para além da polaridade masculino-feminino, consideramos performances de masculinidades, uma perspectiva fluida da vivência dos homens. A concepção de masculinidades, no plural, da qual partimos é a de uma visão não-dicotômica atrelada à relação simplista masculino-feminino, constituída pela categoria de ‘masculinidade hegemônica’ (CONNEL, 1995), a masculinidade que categorizaria de maneira uniforme todos os homens, em um conjunto de preceitos estabelecidos para configurarem o ser homem.

---

<sup>3</sup> A crítica ao essencialismo em estudos feministas surgiu na década de 80, com a movimentação do Feminismo Negro, que veio a subverter o protagonismo de mulheres brancas a defenderem um feminismo que por muito tempo não visibilizou demandas específicas relacionadas à raça e etnia (BRAH, 2006).

Relações de gênero são sempre arenas de tensão. Um dado padrão de masculinidade é hegemônico enquanto fornece uma solução a essas tensões, tendendo a estabilizar o poder patriarcal ou reconstituí-lo em novas condições. Um padrão de práticas (isto é, uma versão de masculinidade) que forneceu soluções em condições anteriores, mas não em novas situações, é aberto ao questionamento – ele, de fato, será contestado. (CONNELL, 2013. p. 272)

Sobre esta perspectiva de masculinidades, Connel (1995) expõe quatro maneiras de conceber masculinidades. São categorias de masculinidades que configuram padrões válidos para a cultura Ocidental, são elas: a masculinidade hegemônica – a representação direta do patriarcado e a estratificação do exercício do poder dos homens, em detrimento das mulheres; a masculinidade subordinada – denomina as relação de subjugação entre grupos de homens, entre práticas e condições mais e menos valoradas; a masculinidade cúmplice – que goza dos privilégios oferecidos pelo patriarcado, sem se reconhecerem como produto deste; e a masculinidade marginalizada – a subordinação entre masculinidades, no contexto da classe e da raça.

## 2.5 O contexto dos Direitos reprodutivos e do cuidado com crianças

Os DS e DR são conceitos propostos pelo feminismo, concebidos na igualdade e liberdade da vida sexual e reprodutiva das mulheres. O tratamento destes direitos de forma separada explicita a ideia de rompimento da construção histórica sobre sexualidade das mulheres ligada, naturalmente, à reprodução, uma visão heteronormativa, que além de exercer controle sobre corpos das mulheres, relega a reprodução ao feminino. A interpretação destes direitos, numa perspectiva feminista, adota a postura política de incluir outros atores, além das mulheres, no que diz respeito à vida reprodutiva. (AVILA, 2003; LYRA, 2008).

Os homens, também atores nesta discussão, tem se organizado, em torno de um discurso de equidade, em oposição ao modelo patriarcal vigente na divisão sexual das questões de reprodução, cuidados infantis e trabalho doméstico. Betânia Ávila apresenta este cenário de maneira objetiva e elucidativa:

A relação dos homens frente à sexualidade e à reprodução está inscrita em um padrão de relações sociais baseado na desigualdade de gênero, e a alteração desse padrão é uma ruptura com essa ordem do poder patriarcal instituída pelos próprios homens. A questão do poder é um campo a ser explorado nas discussões políticas sobre esses direitos na perspectiva feminista. Esse modelo hegemônico distancia os homens dos cuidados paternos e os libera da responsabilidade com a prevenção da gravidez indesejada e também

das doenças sexualmente transmissíveis. Alterar esse modelo significa buscar uma sociabilidade na qual o sentido da paternidade e da maternidade sejam completamente transformados, levando a uma divisão sexual igualitária do trabalho no âmbito doméstico e em particular nas tarefas de cuidar das crianças na vida cotidiana. (ÁVILA, 2003. p. 467)

O surgimento dos DR como conceito e as demandas feministas fez emergir a necessidade de inclusão de outros atores nesta discussão, redefinições dos direitos para novos sujeitos políticos (ÁVILA, 1999).

As compreensões acerca do que tange ao homem e à mulher no processo reprodutivo faz parte da socialização masculina e feminina, na qual a divisão dos papéis sexuais e a atribuição de responsabilidades para cada sexo vão se definindo desde a infância, ao longo da vida familiar e social. (TEIXEIRA, MANDÚ, CORRÊA E MARCON, 2014)

Em estudo etnográfico, com 6 homens pais de bebês prematuros, Tronchin e Tsunechiro (2006) trazem suas impressões, a partir das falas dos participantes:

[...] para os pais é fundamental pensar em programas de educação em saúde nas unidades neonatais, envolvendo os homens no cuidado, considerando suas experiências, o contexto sociocultural, para que esses sejam verdadeiros parceiros na transformação da realidade, e tendo um aprendizado bilateral, considerando os saberes dos profissionais de saúde e dos pais. (TRONCHIN; TSUNECHIRO, 2006. p. 100)

O conceito de Direitos reprodutivos, como vertente dos Direitos Humanos, surgiu com a universalidade destes, na ideia de que, sendo criados, todas as pessoas estão aptas a exercê-los. Esta visão simplista negligencia as diferenças entre populações. Entretanto, podemos falar em DH na reprodução, sendo assim para homens e para mulheres, como algo para além da fecundidade, sem ocultar qualquer ator da reprodução. (FIGUEROA, 2000.)

A definição de cuidado, adotada por este estudo, vai ao encontro da proposta de Figueroa (2012), ele enfatiza que o cuidado deve ter caráter horizontal como premissa, ou seja, não deve ser exercido de maneira opressora. Desta forma, compartilha da ideia de cuidado “[...]como una serie de prácticas que se realizan para satisfacer las necesidades (de carácter físico o emocional) de otras personas.”, aspectos propostos por Koehn (1998). O cuidado, segundo Koehn (1998), se dá pelo exercício de três práticas: “ampla capacidade de empatia, confiança, e diálogo constante”. (KOEHN, 1998, apud, FIGUEROA, 2012).

Sobre concepção de cuidado Bustamante e Trad (2005):

[...] os modos de cuidar permitem integrar num mesmo olhar práticas orientadas ao cuidado da saúde das crianças, o modo de inserção dos adultos nessas práticas, com destaque para a inserção dos homens, e os significados, elaborados por homens e mulheres, que orientam a dita inserção. (BUSTAMANTE e TRAD, 2005. p. 1867).

Em um estudo de natureza quantitativa, 188 homens, em situação de desemprego, responderam a inventários, que mediram o processo de depressão e comportamento de cuidado com seus/suas filhos/as. Neste estudo, as pesquisadoras concluíram, entre outras discussões, que o nível de escolaridade é significativamente relevante para vivências de cuidado:

Considerando o envolvimento paterno, verificou-se que fatores como idade, tempo de desemprego, realização ou não de trabalho informal não influenciaram a participação masculina no cuidado dos filhos. Por outro lado, constatou-se que o grau de escolaridade estava associado ao maior envolvimento do pai com os filhos. Pais com maior formação no ensino contribuía mais ativamente no cuidado didático, eram mais afetivos e participavam em atividades sociais com seus filhos (SOUZA e BENETI, 2008. p. 68).

Na dissertação de mestrado intitulada “Crenças sobre investimento parental”, Tatiana Bandeira (2009) traz um ponto importante para o início da discussão, a ideia de que não existe linearidade entre crenças e práticas, a ponto de tornar-se possível uma relação de causa e efeito. Os resultados do estudo confirmaram o pressuposto, há ideais de práticas de cuidado, valorizados pelas participantes, mas que se fazem inviáveis de realizar, devido ao cotidiano de mães e pais, no qual o cuidado com as crianças se concretiza, muitas vezes, pelo provimento de necessidades materiais, em detrimento do investimento afetivo.

Compreendemos, assim, que há um sentido de cuidado, entre pais e mães, que se mostra ideal, mas que encontra barreiras práticas para a efetivação. Contudo, esta inferência não está revestida de julgamento de valor para as escolhas individuais, que envolve o cuidado de crianças, mas sim de crítica ao movimento das famílias, acerca de suas práticas. Como bem enfatizamos, neste estudo trabalhamos com produções de sentido, sendo assim, consideramos que a dinâmica desta produção também passa pelo momento de questionar, subverter ou reproduzir linguagens já existentes, reconhecidas pelas pessoas, que podem compor, em alguma medida, o processo da produção de sentidos. Logo, identificar um ideal de práticas e expressá-lo como algo positivo, faz parte da transformação necessária para relações saudáveis.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

#### 3.1 Referencial Teórico-metodológico: a Produção de sentidos na investigação de Práticas discursivas

Concebemos a pesquisa como uma prática social, na qual a reflexividade é parte da produção do conhecimento, partindo da concepção de Ética, segundo Mary Jane Spink (2000). Neste sentido, o rigor na pesquisa, no que se refere ao processo metodológico e de análise possibilita a Ética Dialógica, uma ética que estabelece relação de dialogicidade com o meio social, tornando a pesquisa efetivamente acessível e relativamente aberta ao diálogo com outras produções e práticas.

Tal posicionamento parte de uma ética de foro íntimo, comprometida com a aproximação com o tema e com os atores sociais envolvidos em uma determinada trama. Nesta nossa inserção no campo dos DR e do cuidado, buscamos considerar o contexto plural que abarca sujeitos, práticas e paradigmas – inscritos em um cultura – numa perspectiva de consentimento informado, como premissa de transparência.

A pesquisa mais ampla, “Paternidade e cuidado nos serviços de saúde”, confere respaldo ético ao presente projeto, por já operar sob aprovação de Comitê de Ética, o isentando, portanto, de nova submissão a esta instância. As entrevistas foram realizadas com conhecimento e assinatura prévia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da grande pesquisa e segue em anexo, para conhecimento de seu conteúdo e bases éticas da relação pesquisadora-entrevistado, bem como do uso dos produtos desta investigação.

As entrevistas foram analisadas, a partir do referencial teórico das Práticas discursivas e Produção de sentidos. Segundo Mary Jane Spink (2010), práticas discursivas são “as maneiras pelas quais as pessoas, através da linguagem, produzem sentidos e se posicionam em relações sociais cotidianas” (SPINK, 2010, p. 27). São as “relações sociais cotidianas” que estão sob nosso enfoque, na perspectiva de uma problematização sobre o exercício do cuidado, considerando o contexto de iniquidades no âmbito da saúde, bem como nas relações de gênero. Lembrando que entendemos como “iniquidades” toda desigualdade que pode ser minimizada ou extinta, dado o contexto social dos atores envolvidos e as políticas públicas a serem implementadas.

As práticas discursivas constituem-se de três partes: a dinâmica, que são os enunciados; as formas, que podem ser mais ou menos fixas, como “prescrições e

regras linguísticas situadas que orientam as práticas cotidianas” (SPINK; MEDRADO, 2013, p. 25); e o conteúdo, que são os repertórios linguísticos. Estes últimos possuem imensa diversidade e não são aprendidos de maneira formal e sim no cotidiano em contextos igualmente diversos.

Os *enunciados* consistem de palavras e sentenças num contexto (ações situadas) e estão em constante interanimação, pois, ainda que em diálogos internos, eles estão em contato ou são endereçados a vozes presentes ou presentificadas nos diálogos. O conceito de *enunciado* “adquire caráter social” quando é associado à noção de vozes (SPINK; MEDRADO, 2013).

As vozes compreendem diálogos, negociações que se processam na produção de um enunciado. Elas antecedem os enunciados, fazendo-se neles presentes no momento de sua produção, tendo em vista que o próprio falante é sempre um respondente em maior ou menor grau. (SPINK; MEDRADO, 2013, p. 26).

A autora e o autor mencionados compartilham da ideia de que os falantes são sempre respondentes, em graus diferentes, na medida em que as vozes existem e interagem dialogicamente, sendo assim impossível a existência de uma primeira voz pronunciada. E considerando, também, que “os sentidos são construídos quando duas ou mais vozes se confrontam”. O sentido é uma prática social, coletiva, interativa, considerando contexto de tempo e cultura nos quais está sendo produzido. A produção de sentido se dá no cotidiano e reflete a compreensão da pessoa e a forma como ela lida com as vivências do seu dia-a-dia (SPINK; MEDRADO, 2013, p. 27).

O conceito de vozes nos foi muito caro à análise do material produzido. Acreditamos que o diálogo com o interlocutor, que se dá em um contexto de pesquisa, está repleto de elementos que compõem as respostas deles.

Ao terem conhecimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) da pesquisa, os interlocutores podem ter uma ideia de nossos objetivos, consequentemente, a depender de seus graus de elucidação acerca do tema, é possível que preditem que tipos de posicionamentos são tidos como corretos ou não. O participante desta pesquisa não é ingênuo ao conteúdo dela, o que torna as respostas passíveis de julgamento moral – do interlocutor – em alguma medida. Com isto, é importante considerar todas as “vozes” presentificadas, incluindo a mim (interlocutora), a entrevistadora, o conteúdo do TCLE, o conteúdo das questões e o saber institucionalizado que elas carregam.

Sobre posicionamento - perspectiva mais dinâmica do que identidade, pois está mesmo admitindo a mudança, parte-se do princípio da existência de algo fixo – Spink e Medrado (2013) trazem a concepção de produção de realidades nas práticas discursivas, na qual a pessoa é parte e produto da interação, esteja ele consciente ou não do processo.

Quando analisamos práticas discursivas, tomamos esses posicionamentos como produções conjuntas. Davies Harré (1990) propõe que pode haver posicionamento interativo, onde o que uma pessoa diz posiciona o outro; e pode haver posicionamento reflexivo, no qual nos auto-posicionamos. É importante, entretanto, considerar que, em qualquer destes casos, o posicionamento é necessariamente intencional. Então, na dinâmica da interação, podemos até nos posicionar conscientemente de alguma forma específica, mas no fluxo da interação o interlocutor pode nos posicionar de forma tal que exija uma re-orientação (ou re-interação) da posição (SPINK, 2010. p. 37)

Apresentando a noção de “sentido”, Mary Jane Spink cerca sua definição de detalhes que dão corpo e coerência a sua ideia:

O sentido é uma construção social, um empreendimento coletivo, mais precisamente interativo, por meio do qual as pessoas – na dinâmica das relações sociais historicamente datadas e culturalmente localizadas – constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com as situações e fenômenos a sua volta (SPINK, 2010, pp. 34).

A produção de sentidos é um fenômeno sociolinguístico, não depende exclusivamente do indivíduo, nem acontece internamente apenas por processos cognitivos e/ou reproduções de algo já posto, ela ocorre na interação, pela linguagem em uso, num processo dialógico (SPINK; MEDRADO, 2013). A perspectiva da produção de sentidos versa sobre a maneira como damos sentidos ao mundo que vivemos, segundo SPINK e FREZZA (2010):

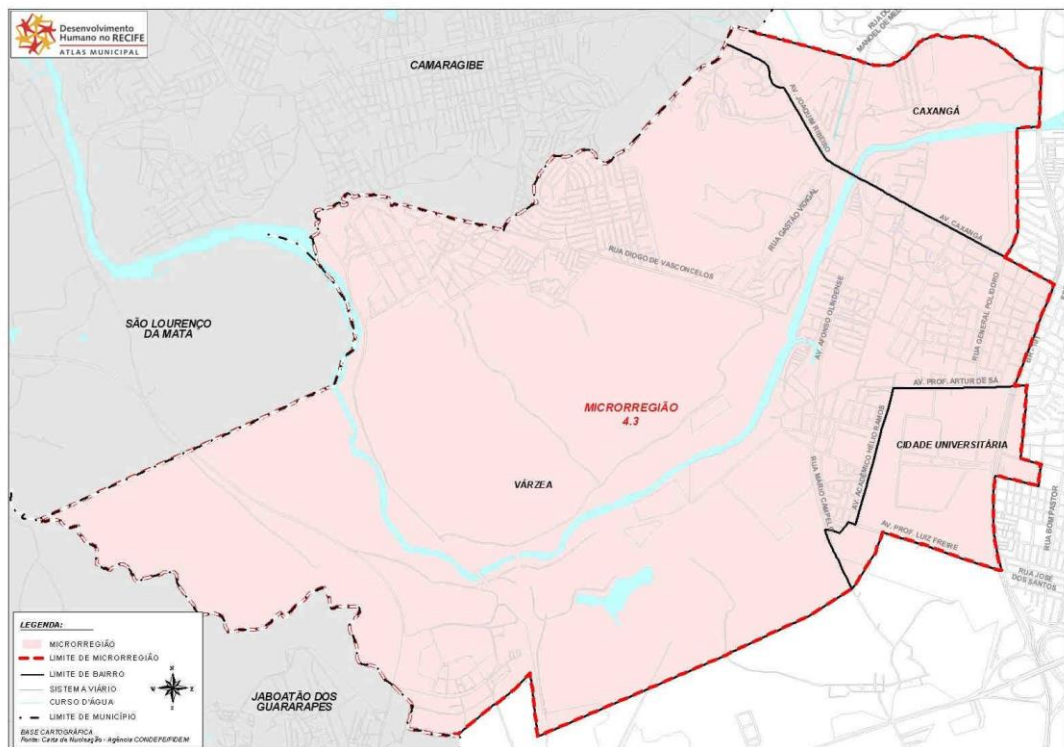
Quando a questão do sentido não pode mais ser respondida somente no âmbito da língua, da sintaxe e da semântica; quando a produção do conhecimento começa a ser questionada por desconsiderar, justamente, aquilo que é sua base, o senso comum; quando a Psicologia Social começa a fazer sua própria crítica quanto ao que produz e quanto à despolitização daí resultante, tem-se, então, a configuração de um contexto propício para novas buscas: conceitos, métodos, epistemologia, teoria, visão de mundo (SPINK e FREZZA, 2010. p. 20)

### 3.2 Observações sobre o território

Coerente com o arcabouço teórico-metodológico descrito, vale o nosso posicionamento de ressaltar a relevância do fazer científico que parte de uma ética baseada na noção de reflexividade (SPINK, 2010). Sendo assim, nos enxergamos parte da produção a qual nos propusemos compreender, considerando contextos, interações e espaços como elementos desta rede de sentidos. Acreditamos, portanto, que a consideração, descrição e interpretação do território é fundamental para uma leitura dialógica das vivências de todos os atores e vai além de uma postura meramente descritiva, mas sim uma perspectiva epistemológica de pesquisa em Psicologia Social.

Na cidade do Recife, os seus 94 bairros foram divididos em regiões para efeito de planejamento e ações administrativas, através da sanção da Lei 16.293\97. O município possui 6 Regiões Político-administrativas (RPA's), que também foram subdivididas, cada uma, em 3 microrregiões (CAVALCANTI; BRITTO; AVELINO; 2008). O território, no qual desenvolvemos a presente pesquisa, corresponde à RPA 4.3, abrangendo os bairros Caxangá, Cidade Universitária e Várzea, que juntos somam 408.255 hectares, com 898.087 habitantes. Esta área caracteriza-se pela grande zona de preservação ambiental, nos bairros da Caxangá e Várzea. A população desta microrregião tem maior número de habitantes na faixa etária entre 25 e 59 anos, sua maioria se declara parda, quanto à raça\etnia (RECIFE, 2018). Estas informações de idade e cor se assemelham ao perfil de participantes esta pesquisa, como apresentamos mais adiante.

FIGURA 1- Mapa da RPA 4.3



Fonte: [https://www.recife.pe.gov.br/pr/secplanejamento/pnud2005/micro%204\\_3.jpg](https://www.recife.pe.gov.br/pr/secplanejamento/pnud2005/micro%204_3.jpg)

A Várzea, maior bairro e mais populoso desta região, tem sua história marcada por ser sede administrativa da Capitania, no século XVI, pela figura de João Fernandes Vieira (SILVA, 2009). Abriga capítulos da história de Pernambuco, além de uma mata preservada, responsável pelo microclima ameno. O bairro da Caxangá, tem sua origem no fim do século XVII, quando o Cônego Caxangá lá construiu sua residência, às margens do Rio Capibaribe. Área importante para a mobilidade, nesta época, teve a construção de uma importante estação ferroviária, a Maxambomba (GASPAR, 2009). Até os dias atuais, o bairro da Caxangá é conhecido por uma das avenidas mais importantes da cidade, a extensa e movimentada Avenida Caxangá. Por último, o mais jovem, o bairro da Cidade Universitária consiste de toda edificação oriunda da chegada do campus universitário da UFPE, este sendo planejado pelo arquiteto Mario Russo, a partir do ano de 1949.

Todo este território apresenta realidade heterogênea, quanto às classes sociais, níveis de escolaridade e raça/etnia de seus habitantes, como bem demonstrado pela nossa população de participantes da pesquisa. A própria vivência

neste campo já nos indicou os diversos níveis, expressos na variedade de tipos de habitação e de perfil dos interlocutores. Durante a produção das informações caminhamos entre as mais diferentes realidades, contidas ali, entre pessoas, grupos e paisagens.

Desde a dificuldade de acesso nos prédios fechados à facilidade de acesso pelas vilas em ruas de esgoto a céu aberto e de obras inacabadas, regulamentadas ou não. Estes bairros tem concentrações comerciais organizadas, que atendem à população e movimentam as vias com os mais diversos segmentos, emprega uma boa parte de sua população. Além dos estabelecimentos comerciais, é comum, também, locais de prestação de serviços e de trabalhos manuais em ambientes que compõem casas residenciais, são locais de trabalho para autônomos(as), que empreendem na marcenaria, oficina mecânica, representação de franquias, entre outros. Esta é uma característica notória, inclusive, boa parte dos participantes da pesquisa trabalham dentro ou próximo as suas residências, como trabalhadores autônomos, e alguns com poucos funcionários.

Seria impossível não observar estas características do território, uma vez que em muitos momentos, o homem que precisávamos entrevistar estava em seu local de trabalho, na própria casa, porém esta mesma dinâmica se repetia com homens que estavam próximos de casa, porém em bares. Há muitos. E a situação ocorreu diversas vezes, ao chegarmos na residência, eles não estavam em casa, mas alguém ia chamar, porque estavam por perto, em um bar. Os ambientes de lazer são limitados. Com exceção da Várzea, que tem uma vida cultural, inclusive, muito intensa, a Caxangá e Cidade Universitária muitas praças, porém poucas em bom estado para uso da população, ao passo que os bares estão às dezenas.

À medida que “entramos” neste território, nos fazíamos reconhecidas pelos moradores. Ao chegar, tivemos nosso papel muito vinculado aos serviços de saúde, ou seja, éramos vistas como possíveis Agentes Comunitárias de Saúde (ACS's), mas com o passar dos dias, a população conheceu o nosso trabalho e se habituaram a nos ter por perto, sabendo que estávamos realizando uma pesquisa, em especial uma pesquisa, na qual falávamos com os homens. Houve um momento em que, ao chegar próximo de uma residência, uma mulher falou “Olha, é pesquisa.” E outra respondeu, prontamente, “É só com os homens.”. Neste momento me aproximei e, vendo o interesse, me senti no compromisso de explicar nossos objetivos e falar um pouco da

pesquisa. Foi interessante observar que elas passaram a facilitar nossa estada naquele território, indicando homens para serem entrevistados, ao mesmo tempo que guardavam certa inquietação por não serem também ouvidas: “Era pra falar com a gente não era com os homens não, a gente é que sabe das coisas.”.

Nossa relação com o lugar tornou-se mais próxima, na medida em que produzíamos sentidos sobre estar nele e fazer parte de sua dinâmica. Esta espécie de mediação, realizada por moradoras, foi o início de uma familiarização de ambas as partes.

Esse processo de chegada, de relações, e de sentidos remete ao debate sobre espaço e território, a concepção de espaço geográfico, físico, e de relações imbricadas, que denotam a dinâmica de um lugar, com todos os seus atores.

Segundo Claude Raffestin (1993): “Não se trata pois do “espaço”, mas de um espaço construído pelo ator, que comunica suas intenções e a realidade material por intermédio de um sistema sêmico.” (RAFFESTIN, 1993. p. 147). O autor acrescenta, ainda, que o espaço é mediatizado, se constitui de trocas, e considera o processo sócio-histórico do lugar, na construção de identidades. É uma rede de sentidos, mediada pelo poder, mas, sobretudo, compartilhada:

A territorialidade se inscreve no quadro da produção, da troca e do consumo das coisas. Conceber a territorialidade como uma simples ligação com o espaço seria fazer renascer um determinismo sem interesse. É sempre uma relação, mesmo que diferenciada, com os outros atores (RAFFESTIN, 1993. p. 161)

Os movimentos em áreas diferentes, quanto à classe, foram de mais ou menos flexibilidade, no acesso às pessoas. As residências em ruas pavimentadas, em prédios com controle de entrada, com nítida qualidade de vida superior às outras áreas, foram as mais difíceis de adentrar e chegarmos aos homens para entrevistá-los, pois dependia da permissão de uma terceira pessoa – trabalhador do condomínio – que se encontrava alheio à dinâmica do entorno, logo não acompanhou nossa presença, por dias, na localidade. Por outro lado, nas ruas de moradias mais simples e população mais pobre, a comunicação acontecia com facilidade e o nosso acesso tornou-se fluido, com o auxílio de homens e mulheres da comunidade.

Em uma das entrevistas, com um jovem de 18 anos, o mesmo estava tímido para a entrevista, quando um amigo chegou próximo a nós e disse que respondesse, porque “é tranquilo a pesquisa” (sic). E então, ele se sentou na frente de sua casa e

disse que poderia acontecer ali mesmo. Outros jovens, aparentemente do mesmo grupo, se aproximaram, mas quando me viram, se afastaram, comentando que estava acontecendo “a pesquisa”.

Os diálogos, curtos e longos, a interação constante, o espaço físico foram instrumento de uma rede de sentidos que produzimos juntas, para que fosse possível produzir mais outros sentidos sobre o território, para além das nossas entrevistas. São integrantes da dialogia que precede, permeia e se transforma, durante todo esse processo de investigação, do qual participamos, até o presente momento, de escrita.

### 3.3 Uma leitura qualitativa de informações quantificáveis

Como dito anteriormente, o presente estudo foi um desdobramento do projeto “guarda-chuva” elaborado e executado pelo GEMA/UFPE e o Instituto Papai. Proposto em 2014, com atividades iniciadas em 2015, a pesquisa teve como objetivo geral realizar um diagnóstico e levantar demandas sobre o envolvimento dos homens no cuidado infantil e nos serviços de assistência pré-natal e obstétrica. Sob a coordenação do Profº Dr. Jorge Lyra e da Coordenadora Geral do Instituto Papai, Mariana Azevedo, a pesquisa teve várias etapas de levantamento de informações de caráter quantitativo e qualitativo, e contou com a participação de pesquisadoras das duas instituições mencionadas.

A nossa pesquisa, concebida por inquietações suscitadas em campo, representa um olhar sobre o trabalho empreendido coletivamente. O recorte proposto por este trabalho incidiu sobre o material produzido a partir das 400 entrevistas estruturadas realizadas com homens residentes no território escolhido pela equipe pesquisadora e organizado em setores censitários.

Para o presente estudo, a pergunta condutora da pesquisa é: “Em que medida as práticas de cuidado infantis podem ser entendidas como expressão do exercício dos direitos reprodutivos de homens, em direção às relações equitativas entre homens e mulheres?”

Estes dois estudos, a pesquisa mais ampla e a presente pesquisa, estão alinhados na ideia de ir além do modelo reproduzido historicamente de masculinidade hegemônica, que predita atitudes para os homens, de afirmação constante do lugar de provedores, além de outros, como o de agressores e desertores, no que diz respeito às suas relações com outros homens, com as mulheres e com as crianças.

Reconhecem as realidades de atitudes negativas desta população, mas pretendem uma transformação construtora de outras possibilidades, que tornem possíveis, também, outras práticas e lugares para os homens, especialmente no âmbito do acesso e exercício dos Direitos reprodutivos.

Em meio ao debate entre adequação de pesquisas qualitativas e quantitativas, não desejamos corroborar com a tensão posta entre estes dois métodos, porém se o conflito do uso destes ainda persiste, na literatura, é sinal de que precisamos, ainda, justificar a relevância e possibilidades existentes, no diálogo quanti-quali, na pesquisa social.

Sobre os usos dos métodos na pesquisa, no campo da Psicologia Social, Mary Jane Spink (2010) atenta para a qualidade discursiva das categorias. Segundo a autora, a suposta polaridade de métodos quantitativos e qualitativos desconsidera a construção social envolvida na produção de marcadores originalmente quantitativos, em instrumentos de pesquisa:

[...] grande parte do esforço analítico quando lidamos com fenômenos psicossociais – até mesmo quando os estamos supostamente “medindo” – tem como base um processo de classificação de caráter notoriamente discursivo. As categorias funcionam como repertórios interpretativos. (SPINK, 2010. p. 14)

No presente estudo, entrevistas estruturadas produziram um banco de dados quantitativos, que, por sua vez, representam uma amostra da população estudada, suficiente para a generalização de interpretações, se fosse este o objetivo da investigação. Tendo em vista que tal generalização não é o interesse, neste caso, é prudente lembrar os pressupostos epistemológicos, fundamentados no arcabouço teórico escolhido: o gênero, entendido na relação, traz à tona diferenças, da ordem das práticas sociais, concebidas na confluência de marcadores sociais diversos, em níveis micro e macro. Sendo assim, um estudo de produção de sentidos somente é possível, se considerar o aspecto da interação indivíduo-sociedade, admitindo, portanto, que nenhuma pessoa abriga e encerra todo este processo nela mesma.

A triangulação de métodos, nesta pesquisa, viabilizou o olhar interpretativo da produção de sentidos sobre o cuidado, a partir de uma análise de estruturas instituídas, que fogem à unidade da palavra pura, de uma hipotética resposta ingênua, atravessando e construindo práticas e sentidos, demonstrados nas informações

produzidas. Uwe Flick (2009) destaca a relação entre níveis micro e macro, bem como a complementaridade de métodos quantitativos e qualitativos como instrumento legítimo em pesquisas.

### 3.4 Procedimentos de produção de informações

Primeiramente, descreveremos o método utilizado na pesquisa ampla, da qual analisamos a população escolhida para este estudo, para que seja possível a compreensão do processo que levou ao recorte, bem como o rigor metodológico que guia esta pesquisa, desde sua dimensão mais ampla.

Os participantes são homens residentes da microrregião 4.3 da cidade do Recife/PE, na faixa etária de 18 a 59 anos. A amostra representativa foi estimada em 400 homens, com base na população total de 24.153, segundo dados do Censo Demográfico de 2010, e considerando 5% de recusa e mais 5% de erro de estimativa.

A microrregião 4.3 é composta pelos bairros da Caxangá, Cidade Universitária e Várzea e é dividida em 65 setores censitários, destes setores, oito foram escolhidos arbitrariamente – de acordo com as condições e recursos disponíveis - o que totalizou, para cada bairro, o seguinte número de entrevistados: Caxangá – 48; Cidade Universitária – 5; Várzea – 347. Para cada setor censitário, o número de entrevistas foi calculado para garantir a proporção necessária à representatividade, conforme o total de residentes. A faixa etária foi distribuída também seguindo este critério.

As entrevistas seguiram criteriosamente os intervalos amostrais estabelecidos, com o objetivo de atender a todo o território dos setores censitários, com variabilidade satisfatória de domicílios. Chamamos de intervalos amostrais a proporção entre residências visitadas e residências descartadas, seguindo a ordem dos intervalos (por exemplo: visitar um domicílio, depois “descartar” oito subsequentes, para então visitar outro domicílio).

O formulário consiste de 313 questões, organizadas em 8 eixos temáticos/sessões: 1. Características sociodemográficas e emprego; 2. Experiências na infância; 3. Atitudes sobre relações entre homens e mulheres e diversidade sexual; 4. Relações em casa; 5. Relacionamento dos homens com seus filhos; 6. Relacionamentos e violência; 7. Saúde e qualidade de vida; 8. Políticas Públicas.

A confecção coletiva do formulário envolveu as equipes de pesquisadoras do GEMA/UFPE e Instituto Papai, o período de cerca de dois meses para esta tarefa foi necessário para pensar, com o máximo de objetividade e detalhamento, que questões

deveriam ser feitas para que nossa pergunta de pesquisa inicial fosse contemplada, de maneira que tais questões se apresentassem de fácil compreensão e nenhuma ambiguidade. Algumas estão em formato direto de pergunta e resposta exclusiva, outras fornecem uma série de opções, ora exclusivas ora com possibilidade de mais de uma escolha. Nosso instrumento consistiu de adaptação de questionário utilizado em pesquisa coordenada pelo Promundo<sup>4</sup>, em 2009, no Rio de Janeiro, como parte de um grande projeto multicêntrico, executado em diversos países. A pesquisa buscou produzir informações sobre comportamentos e crenças acerca da equidade de gênero, nas áreas da sexualidade, divisão de trabalho doméstico, violência, entre outros eixos temáticos

As informações para esta pesquisa foram extraídas do material produzido no contexto da pesquisa de campo, mencionada anteriormente. Dentre as questões do extenso roteiro de entrevistas, executado no território descrito, algumas serão analisadas, de acordo com o problema de pesquisa proposto. Diferente de um olhar para um banco de dados pré-existente a um projeto de pesquisa, nosso trabalho se voltará para a produção, da qual fiz parte e me afetei, ao longo de três meses de pesquisa de campo.

O material analisado foi produzido da seguinte forma: adotando as estratégias metodológicas propostas pelo IBGE na realização do Censo, nos setores censitários selecionados, equipes de pesquisadoras, que receberam treinamento anterior à “ida ao campo”, entrevistaram 400 homens, numa organização de pesquisa domiciliar. A visita às residências seguiu orientações de natureza estatística para garantir a variabilidade satisfatória da amostra. As entrevistas tiveram duração média de 50 minutos e seguiu, também, as orientações de quantidades pré-estabelecidas para cada faixa etária, por setor.

---

<sup>4</sup> O Promundo é uma Organização Não-Governamental brasileira, fundada em 1997, com sede na cidade do Rio de Janeiro. Pautada na promoção dos direitos humanos, a ONG realiza trabalhos de pesquisa e ações sociais, pela equidade de gênero e o fim da violência contra mulheres, crianças e jovens.

QUADRO 2- Estratificação da amostra proporcionalmente faixa etária – população masculina, Microrregião 4.3 da cidade do Recife.

| Faixa etária                | Caxangá                   |                         | Várzea                    |                         | Cidade Universitária      |                         |
|-----------------------------|---------------------------|-------------------------|---------------------------|-------------------------|---------------------------|-------------------------|
|                             | Distribuição da População | Distribuição da Amostra | Distribuição da População | Distribuição da Amostra | Distribuição da População | Distribuição da Amostra |
| <b>Amostra proporcional</b> | -                         |                         | -                         |                         | -                         |                         |
| <b>18 a 19 anos</b>         | 173<br>(6,0%)             | 3                       | 1.180<br>(5,6%)           | 20                      | 17 (6,1%)                 | 0                       |
| <b>20 a 39 anos</b>         | 1.614<br>(55,7%)          | 26                      | 12.272<br>(58,5%)         | 203                     | 168<br>(60,0%)            | 3                       |
| <b>40 a 49 anos</b>         | 680<br>(23,5%)            | 12                      | 4.497<br>(21,4%)          | 74                      | 62 (22,1%)                | 1                       |
| <b>50 a 59 anos</b>         | 429<br>(14,8%)            | 7                       | 3.028<br>(14,4%)          | 50                      | 33 (11,8%)                | 1                       |
| <b>Total</b>                | 2.869                     | 48                      | 20.977                    | 347                     | 280                       | 5                       |
| <b>% da Microrregião</b>    | 12%                       | -                       | 87%                       | -                       | 1%                        | -                       |
| <b>Amostra proporcional</b> | 48                        | -                       | 347                       | -                       | 5                         | -                       |

As entrevistas foram supervisionadas por uma equipe de 5 pesquisadoras, que, ao final revisaram os documentos de resposta, a fim de validar ou não cada formulário. O material foi submetido a um sistema informatizado para organizar os dados absolutos e estabelecer algumas correlações iniciais, executadas por um profissional da Estatística contratado pelo projeto guarda chuva.

A análise, para esta pesquisa, incidiu sobre 45 entrevistas, que representa o quantitativo de homens pais com filhos de até 4 anos de idade, uma vez que, no instrumento, havia tal especificidade de questões para homens com filhos de até 4 anos e homens com filhos de até 13 anos de idade. As questões que servem a esta discussão são referentes ao perfil sociodemográfico dos participantes, além das questões da sessão 5, intitulada *Relacionamento Dos Homens Com Seus Filhos* referente ao cuidado com crianças.

As referidas questões e respectivas opções de resposta, da sessão selecionada para este estudo, foram as seguintes:

QUADRO 3 - questões de entrevista

| QUESTÃO                                                                                              | OPÇÕES DE RESPOSTA                                                                                         |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| VOCÊ SENTE QUE NÃO GASTA TEMPO SUFICIENTE COM SEUS FILHOS POR CAUSA DO SEU TRABALHO?                 | Sim / Não / Não Sei                                                                                        |
| VOCÊ GOSTARIA DE TRABALHAR MENOS SE ISSO SIGNIFICASSE QUE PODERIA GASTAR MAIS TEMPO COM SEUS FILHOS? | Sim / Não / Não Sei                                                                                        |
| DE MANEIRA GERAL, VOCÊ É O PRINCIPAL RESPONSÁVEL PELO SUSTENTO DE SUA FAMÍLIA?                       | Sim / Não / Não Sei                                                                                        |
| VOCÊ TEM MEDO DE PERDER O CONTATO COM AS CRIANÇAS, CASO SEU RELACIONAMENTO COM SUA PARCEIRA ACABE?   | Sim / Não / Não Sei                                                                                        |
| SEU PAPEL NO CUIDADO COM SEUS FILHOS É, NA MAIOR PARTE, COMO COADJUVANTE?                            | Sim / Não / Não Sei                                                                                        |
| CUIDAR DIARIAMENTE DA CRIANÇA                                                                        | Sempre você / Geralmente você / Igualmente ou fazemos juntos / Geralmente a parceira / Sempre a parceira / |
| FICAR EM CASA COM A CRIANÇA QUANDO ELA ESTÁ DOENTE                                                   | Sempre você / Geralmente você / Igualmente ou fazemos juntos / Geralmente a parceira / Sempre a parceira / |
| BUSCAR A CRIANÇA NA ESCOLA OU CRECHE                                                                 | Sempre você / Geralmente você / Igualmente ou fazemos juntos / Geralmente a parceira / Sempre a parceira / |
| LEVAR AS CRIANÇAS NAS ATIVIDADES DE LAZER NOS DIAS DE SEMANA                                         | Sempre você / Geralmente você / Igualmente ou fazemos juntos / Geralmente a parceira / Sempre a parceira / |
| LEVAR A CRIANÇA NAS ATIVIDADES DE LAZER NOS FINAIS DE SEMANA                                         | Sempre você / Geralmente você / Igualmente ou fazemos juntos / Geralmente a parceira / Sempre a parceira / |

A interpretação das informações produzidas foi de natureza qualitativa, fundamentada na perspectiva da Produção de sentidos em Práticas discursivas, sob um olhar feminista de relações de gênero. O plano de análise seguiu as seguintes etapas:

- a. Organização das informações de cada interlocutor: um quadro para os dados de perfil sócio-demográfico, um bloco para as questões que envolvem tarefas cotidianas, um bloco para as questões que envolvem *posicionamentos*;
- b. Análise quantitativa dos dados absolutos, para cada questão do roteiro de entrevistas, com ilustração gráfica;

- c. Identificação de frequências significativas de respostas, quanto à quantidade, para destacar as respostas mais repetidas;
- d. Análise destes destaques, pela perspectiva das PD, sob o olhar das relações de gênero;
- e. Identificação de outros *repertórios*, ainda que não estivessem em maioria;
- f. Análise de *posicionamentos*, independente do destaque em frequência;
- g. Identificação e análise de relações entre respostas dos dois blocos mencionados.

É possível perceber que todo o processo de interpretação foi guiado pela dinâmica das informações e não por categorias previamente escolhidas. Foi um processo contemplado pelo arcabouço teórico das Práticas discursivas e Produção de sentidos, através da discussão de seu conjunto de noções e conceitos.

## 4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### 4.1 Análise da dialogia: numa pesquisa, tudo e todos falam

No campo da pesquisa sobre produção de sentidos, é importante ressaltar que a linguagem em ação é uma prática social e discursiva, sendo assim, produtora de sentidos, em todas as faces da linguagem. Sentidos são produzidos a todo momento, a partir de diversas linguagens, ou seja, não somente a linguagem verbal, tampouco a que é diretamente endereçada a alguém. As vozes são muitas e, também, são interlocutoras. (SPINK, 2013). Nossa proposta, nesta análise, é ampliar o olhar, geralmente voltado às respostas dos participantes, e conceber diversos instrumentos e sujeitos da pesquisa, que participam de um processo de produção de sentidos.

Como parte da abordagem dos participantes, para responderem às questões da pesquisa, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi apresentado, assim explicamos os objetivos da pesquisa, o direito do participante de parar a entrevista a qualquer momento e o anonimato. Ao passo, que também nos apresentamos e anunciamos de que lugar partimos, o lugar de pesquisadoras da Universidade Federal de Pernambuco, em um trabalho com parceria da ONG Instituto Papai. A partir de então, toda prática discursiva, protagonizada pelos homens, será inscrita neste contexto preparado pela nossa presença e presença de toda construção cultural, acerca das masculinidades e vida reprodutiva.

Segundo Spink (2013), as práticas discursivas são constituídas por um tripé de elementos: a dinâmica, que são os enunciados, orientados por vozes presentes ou presentificadas; as formas, que são formas mais ou menos fixas de enunciados; e os conteúdos, que são os repertórios, conjunto de expressões. Entendendo que nosso documento, o TCLE, bem como a relação entre pesquisadora-entrevistado, faz parte da dinâmica das práticas discursivas (PD) provocadas por nós, destacamos que as respostas são, em alguma medida, organizadas para “responder” uma série de enunciados implícitos nestes elementos pré-entrevista.

O foco, na apresentação das informações, não se restringe às respostas, porque, de acordo com nossa perspectiva teórica e metodológica, a intenção deste trabalho de análise é considerar aspectos imbricados em perguntas, respostas e contextos. No entanto, faz-se necessária, em algum momento, a exposição dos resultados das entrevistas, mesmo que em um nível descritivo, para que tenhamos a noção do todo e para a descrição do caminho de análise.

Discutiremos, a seguir, aspectos individuais e algumas relações que se fizeram importantes por algum destaque, interpretado nas respostas. O agrupamento de ideias foi identificado nas informações produzidas, não se tratam de categorias a priori, mas sim o produto da interpretação das informações.

#### 4.2 Perfil sociodemográfico dos participantes

A faixa etária dos participantes desta pesquisa mostrou-se heterogênea, eles tem idades entre 21 e 59 anos. Em relação à autodeclaração de cor, 12 participantes se declararam brancos, 23 se dizem pardos e 10 responderam a cor preta. Sobre a religião, a grande maioria se diz católica, totalizando 24; seguido de 11 protestantes; e 6 informaram que não tem religião; 2 formulários não continham resposta sobre este item. A escolaridade dos participantes variou entre alguns níveis, porém, nenhum informou analfabetismo, a maioria declarou ter nível médio completo. A distribuição, quanto à escolaridade é a seguinte: 6 possuem fundamental incompleto; 2, fundamental completo; 5, médio incompleto; 23, médio completo; 6, superior incompleto; e 3, superior completo.

| PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO |       |               |             |                                    |                           |                             |                         |                 |
|-------------------------|-------|---------------|-------------|------------------------------------|---------------------------|-----------------------------|-------------------------|-----------------|
|                         | idade | raça<br>etnia | religião    | escolaridade                       | tipo de<br>relacionamento | núcleo familiar             | situação de<br>trabalho | renda           |
| p1                      | 33    | preta         | catolica    | medio completo                     | vive junto                | parceira e filhos           | desempregado            | 501 a 1000      |
| p2                      | 34    | parda         | catolica    | fundamental completo               | casado                    | parceira e filhos           | formal empregado        | 1001 a<br>2000  |
| p3                      | 35    | parda         | SR          | fundamental incomp ou em andamento | casado                    | parceira e filhos           | formal empregado        | 1001 a<br>2000  |
| p4                      | 31    | parda         | catolica    | fundamental incomp ou em andamento | casado                    | parceira e filhos           | autonomo                | 1001 a<br>2000  |
| p5                      | 59    | parda         | espirita    | medio completo                     | casado                    | parceira e filhos           | formal empregado        | 3000 ou<br>mais |
| p6                      | 26    | branca        | catolica    | superior em andamento              | casado                    | parceira e filhos           | formal empregado        | 2001 a<br>3000  |
| p7                      | 28    | preta         | catolica    | medio completo                     | vive junto                | parceira,filhos e<br>outros | formal empregado        | 3000 ou<br>mais |
| p8                      | 32    | branca        | espirita    | superior incompleto                | vive junto                | parceira e filhos           | formal empregado        | 1001 a<br>2000  |
| p9                      | 47    | preta         | catolica    | fundamental incomp ou em andamento | não tem                   | filhos                      | autonomo                | 5001 a<br>1000  |
| p10                     | 24    | parda         | catolica    | fundamental incomp ou em andamento | casado                    | parceira e filhos           | formal empregado        | 1001 a<br>2000  |
| p11                     | 30    | preta         | não tem     | medio completo                     | vive junto                | parceira e filhos           | formal empregado        | 501 a 1000      |
| p12                     | 32    | parda         | não tem     | medio completo                     | não tem                   | irmãos                      | desempregado            | NA              |
| p13                     | 21    | branca        | protestante | médio incompleto                   | casado                    | parceira e filhos           | formal empregado        | 501 a 1000      |
| p14                     | 55    | parda         | catolica    | medio completo                     | vive junto                | parceira,filhos e<br>outros | informal empregado      | 501 a 1000      |
| p15                     | 47    | branca        | catolica    | medio completo                     | casado                    | parceira e filhos           | desempregado            | NA              |
| p16                     | 44    | parda         | catolica    | medio completo                     | casado                    | parceira e filhos           | formal empregado        | 3000 ou<br>mais |
| p17                     | 24    | parda         | catolica    | medio completo                     | vive junto                | parceira,filhos e<br>outros | formal empregado        | 501 a 1000      |
| p18                     | 32    | branca        | não tem     | medio completo                     | não tem                   | pai, mãe e outros           | formal empregado        | 1001 a<br>2000  |
| p19                     | 24    | preta         | não tem     | fundametal incomp ou em andamento  | casado                    | parceira e filhos           | informal empregado      | 1001 a<br>2000  |

|     | idade | raça<br>etnia | religião    | escolaridade                    | tipo de<br>relacionamento | núcleo familiar             | situação de<br>trabalho | renda           |
|-----|-------|---------------|-------------|---------------------------------|---------------------------|-----------------------------|-------------------------|-----------------|
| p20 | 29    | parda         | protestante | medio completo                  | vive junto                | parceira e filhos           | formal empregado        | 1001 a<br>2000  |
| p21 | 24    | branca        | não tem     | medio incomp ou em andamento    | vive junto                | parceira,filhos e<br>outros | desempregado            | NA              |
| p22 | 32    | preta         | protestante | medio completo                  | casado                    | parceira,filhos e<br>outros | desempregado            | 5001 a<br>1000  |
| p23 | 25    | branca        | catolica    | superior completo               | casado                    | parceira e filhos           | autonomo                | 1001 a<br>2000  |
| p24 | 32    | parda         | catolica    | superior completo               | casado                    | parceira e filhos           | formal empregado        | 1001 a<br>2000  |
| p25 | 31    | parda         | casado      | medio completo                  | casado                    | parceira,filhos e<br>outros | formal empregado        | 501 a 1000      |
| p26 | 27    | parda         | não tem     | medio completo                  | vive junto                | parceira e filhos           | formal empregado        | 1001 a<br>2000  |
| p27 | 32    | branca        | protestante | superior incomp ou em andamento | vive junto                | parceira e filhos           | formal empregado        | 3000 ou<br>mais |
| p28 | 38    | parda         | catolica    | superior completo               | casado                    | parceira e filhos           | formal empregado        | 2001 a<br>3000  |
| p29 | 36    | preta         | catolica    | medio completo                  | vive junto                | parceira e filhos           | autonomo                | 1001 a<br>2000  |
| p30 | 32    | parda         | catolica    | medio completo                  | vive junto                | parceira e filhos           | formal empregado        | 1001 a<br>2000  |
| p31 | 20    | parda         | catolica    | medio incomp ou em andamento    | vive junto                | parceira e filhos           | formal empregado        | 501 a 1001      |
| p32 | 45    | branca        | protestante | medio incomp ou em andamento    | casado                    | parceira e filhos           | formal empregado        | 501 a 1000      |
| p33 | 48    | preta         | catolica    | superior incomp ou em andamento | vive junto                | parceira,filhos e<br>outros | autonomo                | 3000 ou<br>mais |
| p34 | 29    | parda         | catolica    | medio completo                  | casado                    | parceira e filhos           | formal empregado        | 3000 ou<br>mais |
| p35 | 34    | parda         | protestante | superior incomp ou em andamento | casado                    | parceira e filhos           | formal empregado        | 2001 a<br>3000  |
| p36 | 40    | branca        | catolica    | medio completo                  | casado                    | parceira e filhos           | formal empregado        | 1001 a<br>2000  |
| p37 | 33    | branca        | catolica    | fundamental completo            | casado                    | parceira e filhos           | formal empregado        | 1001 a<br>2000  |

|     | idade | raça<br>etnia | religião    | escolaridade                              | tipo de<br>relacionamento | núcleo familiar             | situação de<br>trabalho | renda          |
|-----|-------|---------------|-------------|-------------------------------------------|---------------------------|-----------------------------|-------------------------|----------------|
| p38 | 36    | preta         | protestante | medio completo                            | casado                    | parceira,filhos e<br>outros | formal empregado        | 1001 a<br>2000 |
| p39 | 49    | branca        | catolica    | medio completo                            | casado                    | parceira e filhos           | autonomo                | 2001 a<br>3000 |
| p40 | 51    | preta         | catolica    | fundamental incompleto ou em<br>andamento | vive junto                | parceira e filhos           | formal empregado        | 501 a 1000     |
| p41 | 29    | parda         | protestante | medio completo                            | vive junto                | parceira e filhos           | autonomo                | 1001 a<br>2000 |
| p42 | 37    | parda         | protestante | medio completo                            | casado                    | parceira e filhos           | formal empregado        | 2001 a<br>3000 |
| p43 | 23    | parda         | protestante | medio incomp ou em andamento              | casado                    | parceira e filhos           | autonomo                | 201 a 500      |
| p44 | 22    | parda         | catolica    | medio completo                            | vive junto                | parceira e filhos           | formal empregado        | 501 a 1000     |
| p45 | 31    | parda         | protestante | superior incomp ou em andamento           | vive junto                | parceira e filhos           | desempregado            | NA             |

Gráfico 1- Auto declaração da cor

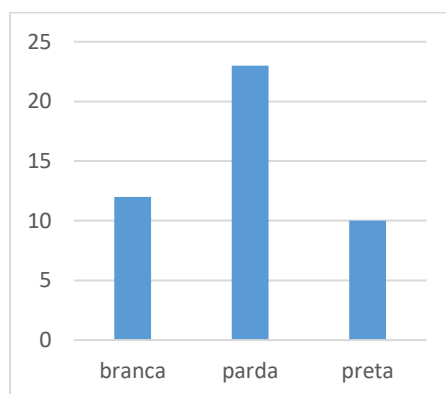


GRÁFICO 2 - Religião

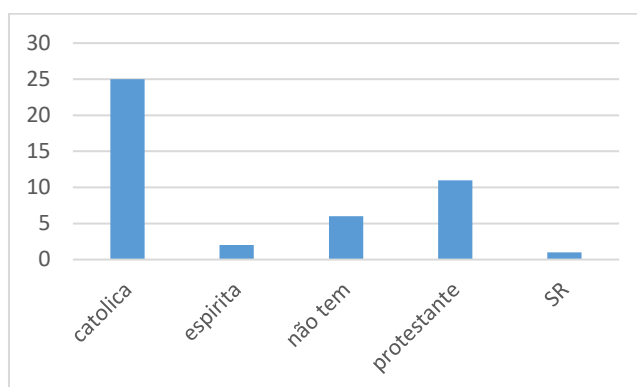
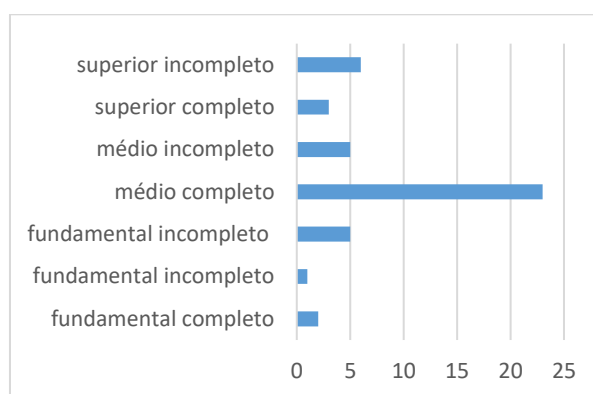


GRÁFICO 3 - Escolaridade



A situação de conjugalidade também fez parte deste momento inicial do perfil, 24 homens são casados legalmente; 18 declararam que “vivem junto”, ou seja, coabitam, mas não tem união legalmente oficializada; e 3 não tem qualquer tipo de relacionamento com parceira\o. Sobre a configuração do núcleo familiar, 34 informaram que vivem com parceira mulher e filhos\as; 8 vivem com parceira mulher,

filhos\as e outros familiares; 1 vive somente com filhos\as; 1 mora com irmãos; e 1 com pai, mãe e outros familiares.

GRÁFICO 4 - Situação conjugal

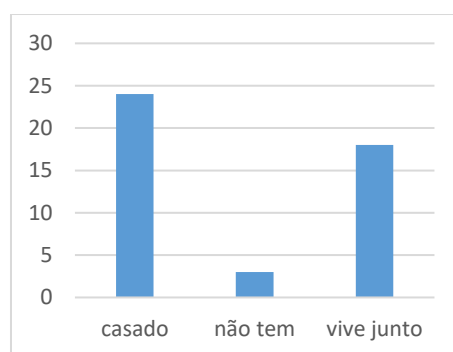
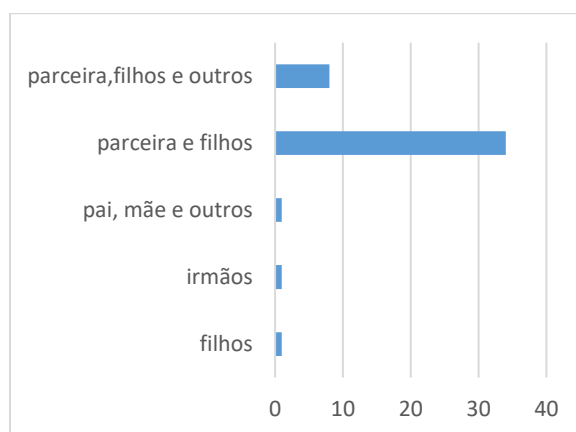


GRÁFICO 5 - Núcleo familiar



Sobre a situação atual de trabalho, 29 declararam estar formalmente empregados; 8 são autônomos; 6 informaram estar desempregados; e 2, informalmente empregados. As faixas de renda se apresentaram da seguinte forma: 1 participante recebe salário entre R\$ 201,00 a R\$ 500,00; 12 recebem entre R\$ 501,00 e R\$1000; 17, entre R\$ 1001,00 e R\$ 2000,00; 5, entre R\$ 2001,00 e R\$ 3000,00; e 6, R\$ 3001,00 ou mais.

GRÁFICO 6 - Situação de trabalho

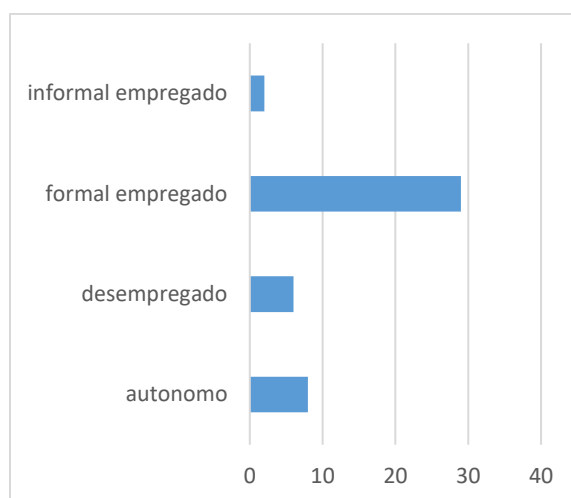
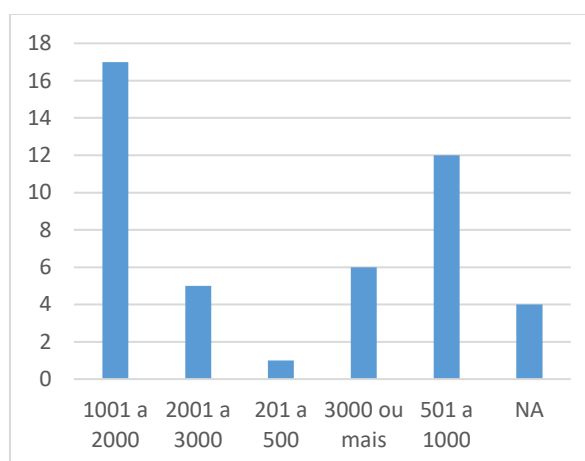


GRÁFICO 7- Renda



#### 4.3 Proposta de análise à guiza da interanimação dialógica

A proposta de análise, como dito anteriormente, é de interpretar as respostas dos participantes, através de entrevista estruturada, discutindo os aspectos envolvidos na produção de sentidos, acerca do cuidado com crianças e como esta prática está organizada entre homens e mulheres. As informações advindas das questões destacadas foram organizadas em um quadro, com os dados de cada interlocutor - as respostas do perfil sociodemográfico e as respostas da sessão 5 - sobre o cuidado com crianças.

Como o instrumento utilizado produziu respostas pré-formuladas, porém de múltipla escolha, estabelecemos os destaques de relevâncias através da frequência absoluta para opções de resposta que envolvem a ideia de práticas que se efetivam igualmente, entre pais e mães; práticas que nunca ou raramente são efetivadas pelo

pai; e práticas que sempre são realizadas pelo pai. Tal procedimento buscou fidelidade à proposta de SPINK (1999), sobre a identificação de categorias de análise. Segundo a autora, os temas não são estabelecidos a priori e sim identificados nos repertórios emergentes. Sendo o nosso instrumento a entrevista diretiva, entendemos que o elemento “repertório”, componente da prática discursiva, é limitado, por isso, trabalhamos com a concepção de que nossas questões são uns dos primeiros “enunciados”, que suscitaram respostas imbuídas de “vozes”, garantindo a “interanimação dialógica”, segundo a abordagem da Produção de sentidos e Práticas discursivas.

Quanto ao conteúdo, destacamos que o primeiro bloco de perguntas diz respeito às tarefas, atribuições, quanto ao cuidado dedicado às crianças. São da ordem do operacional e pragmático: 1- Cuidar diariamente; 2- ficar em casa, quando a criança está doente; 3- Buscar na escola; 4-Levar às atividades de lazer, em dias de semana; 5- Levar em atividades de lazer em finais de semana. Já o segundo bloco, trata de questões mais subjetivas, sobre posicionamentos diante da interferência de outros aspectos, como trabalho e relacionamento com a parceira. Sendo assim, classificamos as respostas do primeiro bloco como “Ações” e as do segundo, como “Posicionamentos”.

A seguir, temos a apresentação do panorama geral das entrevistas e de cada questão realizada aos interlocutores, com ilustração gráfica das frequências absolutas<sup>5</sup> para cada ponto que foi listado.

#### QUADRO 5 - Distribuição de tarefas

---

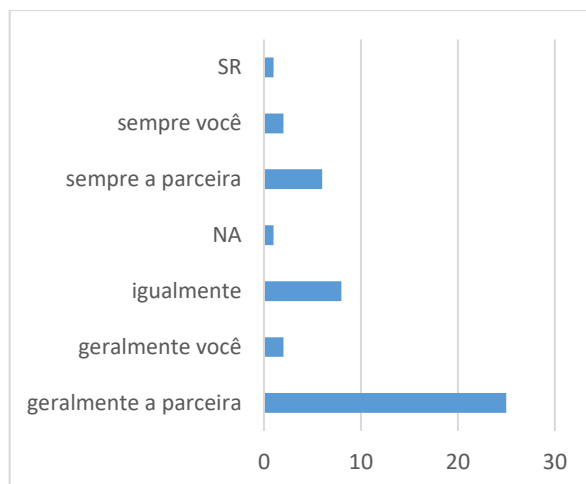
<sup>5</sup> Frequência absoluta é uma expressão do campo da Estatística, que representa a quantidade pura de eventos, sem correlações com variáveis.

| Desconsiderando a ajuda que você e o(a) parceiro(a) recebem de outros(as), como você ou o(a) parceiro(a) distribuem as seguintes tarefas relacionadas aos cuidados com crianças |                       |                                      |                       |                                       |                                         |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------|--------------------------------------|-----------------------|---------------------------------------|-----------------------------------------|
|                                                                                                                                                                                 | cuidar diariamente    | ficar em casa quando ela está doente | buscar na escola      | atividades de lazer em dias de semana | atividades de lazer em finais de semana |
| P1                                                                                                                                                                              | geralmente a parceira | igualmente                           | NA                    | igualmente                            | igualmente                              |
| P2                                                                                                                                                                              | geralmente a parceira | geralmente a parceira                | geralmente a parceira | igualmente                            | igualmente                              |
| P3                                                                                                                                                                              | geralmente a parceira | geralmente a parceira                | geralmente a parceira | geralmente a parceira                 | geralmente a parceira                   |
| P4                                                                                                                                                                              | igualmente            | sempre você                          | sempre você           | igualmente                            | igualmente                              |
| P5                                                                                                                                                                              | SR                    | SR                                   | SR                    | SR                                    | SR                                      |
| P6                                                                                                                                                                              | geralmente a parceira | sempre a parceira                    | NA                    | geralmente a parceira                 | igualmente                              |
| P7                                                                                                                                                                              | geralmente a parceira | geralmente a parceira                | geralmente a parceira | geralmente a parceira                 | geralmente a parceira                   |
| P8                                                                                                                                                                              | geralmente a parceira | geralmente a parceira                | geralmente a parceira | igualmente                            | igualmente                              |
| P9                                                                                                                                                                              | sempre você           | sempre você                          | sempre você           | sempre você                           | sempre você                             |
| P10                                                                                                                                                                             | sempre a parceira     | igualmente                           | sempre você           | sempre a parceira                     | sempre você                             |
| P11                                                                                                                                                                             | Geralmente a parceira | sempre a parceira                    | sempre a parceira     | igualmente                            | igualmente                              |
| P12                                                                                                                                                                             | NA                    | geralmente a parceira                | geralmente você       | geralmente a parceira                 | geralmente a parceira                   |
| P13                                                                                                                                                                             | geralmente a parceira | sempre a parceira                    | igualmente            | sempre a parceira                     | igualmente                              |
| P14                                                                                                                                                                             | geralmente a parceira | igualmente                           | sempre você           | igualmente                            | geralmente a parceira                   |
| P15                                                                                                                                                                             | geralmente a parceira | igualmente                           | geralmente            | igualmente                            | igualmente                              |
| P16                                                                                                                                                                             | geralmente você       | geralmente você                      | geralmente você       | geralmente você                       | geralmente você                         |
| P17                                                                                                                                                                             | igualmente            | sempre a parceira                    | sempre a parceira     | sempre a parceira                     | sempre você                             |

|     | <b>cuidar<br/>diariamente</b> | <b>ficar em casa<br/>quando ela está<br/>doente</b> | <b>buscar na<br/>escola</b> | <b>atividades de lazer<br/>em dias de semana</b> | <b>atividades de lazer em<br/>finais de semana</b> |
|-----|-------------------------------|-----------------------------------------------------|-----------------------------|--------------------------------------------------|----------------------------------------------------|
| P18 | sempre<br>você                | sempre<br>você                                      | NA                          | sempre você                                      | sempre você                                        |
| P19 | geralmente<br>a parceira      | geralmente<br>você                                  | NA                          | sempre a<br>parceira                             | geralmente você                                    |
| P20 | geralmente<br>a parceira      | geralmente<br>a parceira                            | NA                          | geralmente você                                  | geralmente você                                    |
| P21 | igualmente                    | igualmente                                          | NA                          | NA                                               | NA                                                 |
| P22 | geralmente<br>a parceira      | igualmente                                          | igualmente                  | igualmente                                       | igualmente                                         |
| P23 | geralmente<br>você            | igualmente                                          | NA                          | igualmente                                       | igualmente                                         |
| P24 | geralmente<br>a parceira      | geralmente<br>a parceira                            | geralmente<br>a parceira    | geralmente a<br>parceira                         | igualmente                                         |
| P25 | geralmente<br>a parceira      | sempre a<br>parceira                                | sempre a<br>parceira        | igualmente                                       | igualmente                                         |
| P26 | geralmente<br>a parceira      | sempre a<br>parceira                                | geralmente<br>a parceira    | sempre você                                      | igualmente                                         |
| P27 | geralmente                    | geralmente<br>você                                  | igualmente                  | geralmente a<br>parceira                         | geralmente                                         |
| P28 | geralmente<br>a parceira      | geralmente<br>você                                  | igualmente                  | igualmente                                       | igualmente                                         |
| P29 | geralmente<br>a parceira      | igualmente                                          | sempre<br>você              | geralmente a<br>parceira                         | geralmente você                                    |
| P30 | geralmente<br>a parceira      | geralmente<br>a parceira                            | geralmente<br>a parceira    | igualmente                                       | igualmente                                         |
| P31 | geralmente<br>a parceira      | geralmente<br>a parceira                            | NA                          | NA                                               | NA                                                 |
| P32 | sempre a<br>parceira          | sempre a<br>parceira                                | geralmente<br>você          | igualmente                                       | igualmente                                         |
| P33 | geralmente<br>a parceira      | igualmente                                          | igualmente                  | igualmente                                       | igualmente                                         |
| P34 | igualmente                    | igualmente                                          | NA                          | NA                                               | igualmente                                         |
| P35 | igualmente                    | igualmente                                          | NA                          | igualmente                                       | igualmente                                         |

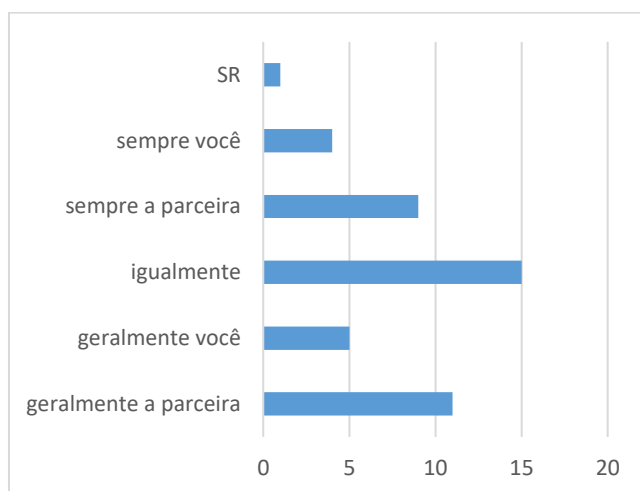
|     | <b>cuidar<br/>diariamente</b> | <b>ficar em casa<br/>quando ela está<br/>doente</b> | <b>buscar na escola</b>  | <b>atividades de lazer em<br/>dias de semana</b> | <b>atividades de lazer em<br/>finais de semana</b> |
|-----|-------------------------------|-----------------------------------------------------|--------------------------|--------------------------------------------------|----------------------------------------------------|
| P36 | sempre a<br>parceira          | geralmente<br>você                                  | sempre a<br>parceira     | igualmente                                       | igualmente                                         |
| P37 | sempre a<br>parceira          | sempre a<br>parceira                                | geralmente<br>a parceira | geralmente a<br>parceira                         | igualmente                                         |
| P38 | geralmente<br>a parceira      | geralmente<br>a parceira                            | geralmente<br>a parceira | geralmente a<br>parceira                         | geralmente a parceira                              |
| P39 | geralmente<br>a parceira      | geralmente<br>a parceira                            | sempre a<br>parceira     | sempre a<br>parceira                             | sempre você                                        |
| P40 | sempre a<br>parceira          | igualmente                                          | geralmente<br>a parceira | sempre a<br>parceira                             | geralmente você                                    |
| P41 | sempre a<br>parceira          | sempre a<br>parceira                                | geralmente<br>a parceira | NA                                               | igualmente                                         |
| P42 | igualmente                    | sempre<br>você                                      | sempre<br>você           | igualmente                                       | igualmente                                         |
| P43 | igualmente                    | igualmente                                          | NA                       | igualmente                                       | igualmente                                         |
| P44 | igualmente                    | igualmente                                          | geralmente<br>a parceira | igualmente                                       | igualmente                                         |
| P45 | geralmente<br>a parceira      | igualmente                                          | NA                       | igualmente                                       | igualmente                                         |

GRÁFICO 8 - Cuidado diário



A indagação é genérica e traz a expressão “cuida”, como centro da questão. As respostas concentradas em “geralmente a parceira” remetem a ideia de cuidado, o sentido de cuidado. Talvez o “cuidar diariamente” não tenha o sentido vinculado às práticas habituais dos homens entrevistados, por este motivo a expressão foi atribuída às suas parceiras. Sem dúvida, expressa também a convicção de que a parceira é a principal responsável pelo cuidado, sendo assim, a organização das tarefas é orientada por estes sentidos, de que o “cuidar” é delas. As práticas diferentes das mais comuns, como dar banho, dar comida, trocar a roupa, não são legitimadas como cuidado, ao passo que a ideia de que cuidado é isto, a prática se configura no cenário da distribuição de tarefas, pautada nas diferenças de gênero.

GRÁFICO 9 - Ficar em casa, quando a criança está doente



Nesta questão, as respostas para “igualmente”, “sempre a parceira” e “geralmente a parceira” se aproximam, quanto à frequência, caracterizando esta atividade como majoritariamente para as parceiras. As frequências para “geralmente você” e “sempre você” estão muito abaixo das demais.

GRÁFICO 10 - Buscar na escola

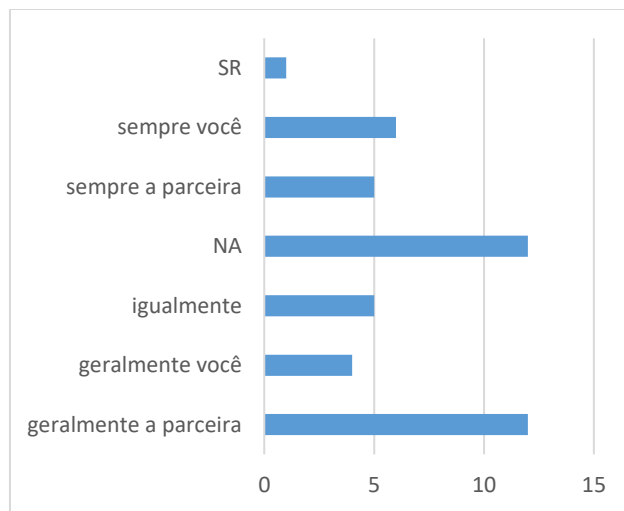


GRÁFICO 11 - Atividades de lazer em dias de semana

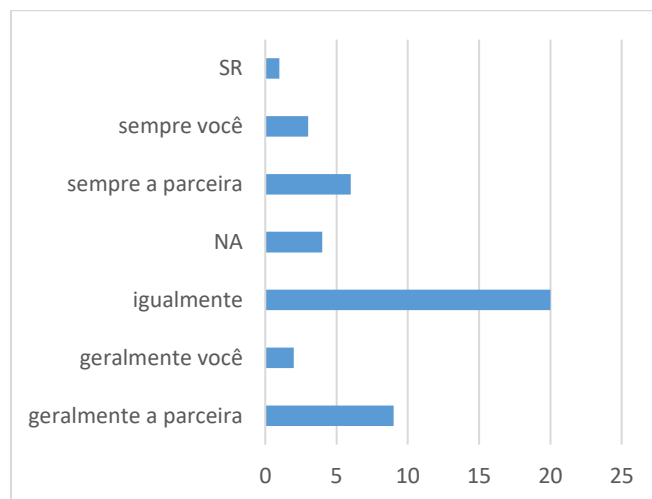
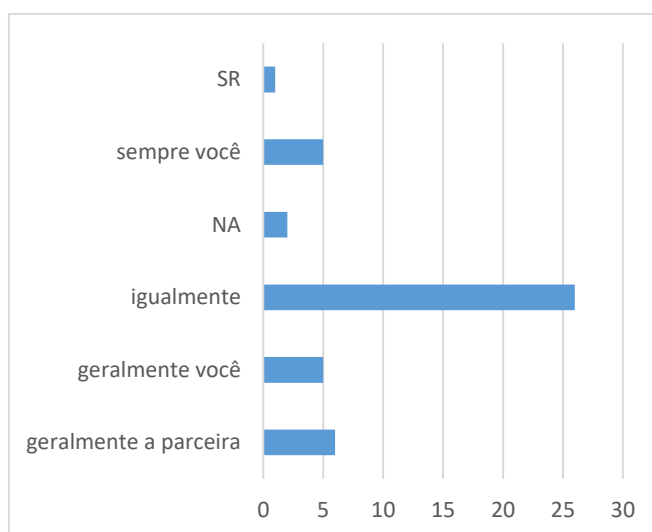


GRÁFICO 12 - Atividades de lazer em finais de semana



As ações citadas foram respondidas com destaque para “igualmente” em 3 situações e “geralmente a parceira” para 2. Percebemos, então, que as atividades envolvidas em situações eventuais, tem a participação do homem, como atividades de lazer e ficar com a criança, quando está doente. Ao passo que atividades cotidianas, como buscar na escola e cuidar diariamente não estão no mesmo nível de envolvimento que a parceira. Dois aspectos se destacam, neste resultado: o primeiro de que, de fato, segundo os participantes, não estão envolvidos, em sua maioria, nos cuidados diários; o segundo, de que as ações que envolvem lazer não são entendidas como cuidado.

Nossos resultados se assemelham aos achados de Bandeira e Moura (2012), sobre crenças de mães e pais sobre o envolvimento no cuidado:

Os pais parecem investir um pouco mais nos aspectos emocionais, juntamente com os sociais e espirituais, e depois nos intelectuais, nos cuidados, na parte financeira e muito pouco no investimento próprio e familiar. Parece que os participantes dessa amostra buscam estar com seu filho, serem amigos dele, dar afeto e também procuram dar orientação, conversar, ensinar bons hábitos, dar exemplos, etc. (BANDEIRA e MOURA, 2012. p. 360)

A não legitimidade para este tipo de atividade passa pelos sentidos do que está para os homens, no conjunto de atribuições de tarefas domésticas. O que está no lar, ainda configura tarefa feminina, ao passo que fora da casa, eventuais passeios e emergências, são tidos como legítimos para os homens. Esta concepção de cuidado incide diretamente na divisão do trabalho doméstico, consequência da produção de masculinidade vivenciada pelos homens. Os sentidos de cuidado situados somente em situações eventuais e/ou para fora do ambiente doméstico são reflexo da maneira

como vivenciam a paternidade. E torna-se impossível pensar Direitos reprodutivos sem o debate das diferenças de gênero e como estas influenciam práticas e sentidos dos homens em suas vidas. Ao nos deslocarmos um pouco do plano das ações para o plano dos desejos e outros posicionamentos, pudemos perceber o quão satisfatório poderia ser o exercício do cuidado, de acordo com as respostas produzidas para as próximas questões.

| As seguintes circunstâncias se aplicam ao dia a dia na sua casa |                                                                                         |                                                                                                             |                                                                           |                                                                                                     |                                                                                      |
|-----------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                                 | Você sente que não gasta tempo suficiente com seus/suas filhos/as por causa do trabalho | Você gostaria de trabalhar menos se isso significasse que poderia gastar mais tempo com seus/suas filhos/as | De maneira geral, você é o principal responsável pelo sustento da família | Você sente medo de perder o contato com as crianças, caso seu relacionamento com seu parceiro/acabe | Seu papel, no cuidado dos/as seus/suas filhos/as é, na maior parte, como coadjuvante |
| P1                                                              | não                                                                                     | não                                                                                                         | não                                                                       | sim                                                                                                 | sim                                                                                  |
| P2                                                              | sim                                                                                     | sim                                                                                                         | sim                                                                       | não                                                                                                 | sim                                                                                  |
| P3                                                              | sim                                                                                     | sim                                                                                                         | sim                                                                       | sim                                                                                                 | sim                                                                                  |
| P4                                                              | sim                                                                                     | não sei                                                                                                     | sim                                                                       | sim                                                                                                 | não                                                                                  |
| P5                                                              | SR                                                                                      | SR                                                                                                          | SR                                                                        | SR                                                                                                  | SR                                                                                   |
| P6                                                              | sim                                                                                     | sim                                                                                                         | sim                                                                       | sim                                                                                                 | sim                                                                                  |
| P7                                                              | sim                                                                                     | sim                                                                                                         | sim                                                                       | sim                                                                                                 | sim                                                                                  |
| P8                                                              | sim                                                                                     | sim                                                                                                         | sim                                                                       | sim                                                                                                 | sim                                                                                  |
| P9                                                              | sim                                                                                     | sim                                                                                                         | sim                                                                       | não                                                                                                 | não                                                                                  |
| P10                                                             | sim                                                                                     | sim                                                                                                         | sim                                                                       | sim                                                                                                 | sim                                                                                  |
| P11                                                             | não                                                                                     | sim                                                                                                         | sim                                                                       | sim                                                                                                 | sim                                                                                  |
| P12                                                             | NA                                                                                      | NA                                                                                                          | não                                                                       | sim                                                                                                 | sim                                                                                  |
| P13                                                             | sim                                                                                     | sim                                                                                                         | sim                                                                       | sim                                                                                                 | não                                                                                  |
| P14                                                             | NA                                                                                      | NA                                                                                                          | sim                                                                       | sim                                                                                                 | sim                                                                                  |
| P15                                                             | não                                                                                     | sim                                                                                                         | sim                                                                       | não                                                                                                 | sim                                                                                  |
| P16                                                             | sim                                                                                     | sim                                                                                                         | sim                                                                       | sim                                                                                                 | sim                                                                                  |
| P17                                                             | sim                                                                                     | sim                                                                                                         | sim                                                                       | sim                                                                                                 | sim                                                                                  |
| P18                                                             | não                                                                                     | não                                                                                                         | sim                                                                       | sim                                                                                                 | não                                                                                  |
| P19                                                             | sim                                                                                     | sim                                                                                                         | sim                                                                       | sim                                                                                                 | não                                                                                  |
| P20                                                             | não                                                                                     | sim                                                                                                         | sim                                                                       | sim                                                                                                 | não                                                                                  |
| P21                                                             | NA                                                                                      | NA                                                                                                          | não                                                                       | sim                                                                                                 | sim                                                                                  |
| P22                                                             | sim                                                                                     | sim                                                                                                         | sim                                                                       | sim                                                                                                 | não                                                                                  |

|     | <b>Você sente que não gasta tempo suficiente com seus/as filhos/as por causa do trabalho</b> | <b>Você gostaria de trabalhar menos se isso significasse que poderia gastar mais tempo com seus/as filhos/as</b> | <b>De maneira geral, você é o principal responsável pelo sustento da família</b> | <b>Você sente medo de perder o contato com as crianças, caso seu relacionamento com seu parceiro(a) acabe</b> | <b>Seu papel, no cuidado dos/as seus/as filhos/as é, na maior parte, como coadjuvante</b> |
|-----|----------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------|
| P23 | sim                                                                                          | sim                                                                                                              | sim                                                                              | sim                                                                                                           | não                                                                                       |
| P24 | sim                                                                                          | sim                                                                                                              | NA                                                                               | sim                                                                                                           | não                                                                                       |
| P25 | não                                                                                          | sim                                                                                                              | sim                                                                              | sim                                                                                                           | sim                                                                                       |
| P26 | sim                                                                                          | sim                                                                                                              | sim                                                                              | não                                                                                                           | não                                                                                       |
| P27 | sim                                                                                          | sim                                                                                                              | sim                                                                              | sim                                                                                                           | NA                                                                                        |
| P28 | sim                                                                                          | sim                                                                                                              | sim                                                                              | sim                                                                                                           | não                                                                                       |
| P29 | sim                                                                                          | não                                                                                                              | sim                                                                              | sim                                                                                                           | não                                                                                       |
| P30 | sim                                                                                          | sim                                                                                                              | não                                                                              | sim                                                                                                           | não                                                                                       |
| P31 | sim                                                                                          | sim                                                                                                              | sim                                                                              | sim                                                                                                           | não                                                                                       |
| P32 | não                                                                                          | não                                                                                                              | sim                                                                              | sim                                                                                                           | sim                                                                                       |
| P33 | não                                                                                          | sim                                                                                                              | sim                                                                              | não                                                                                                           | sim                                                                                       |
| P34 | sim                                                                                          | sim                                                                                                              | sim                                                                              | sim                                                                                                           | sim                                                                                       |
| P35 | sim                                                                                          | sim                                                                                                              | sim                                                                              | sim                                                                                                           | sim                                                                                       |
| P36 | sim                                                                                          | sim                                                                                                              | sim                                                                              | sim                                                                                                           | sim                                                                                       |
| P37 | não                                                                                          | sim                                                                                                              | sim                                                                              | sim                                                                                                           | sim                                                                                       |
| P38 | sim                                                                                          | sim                                                                                                              | não                                                                              | sim                                                                                                           | sim                                                                                       |
| P39 | sim                                                                                          | sim                                                                                                              | sim                                                                              | sim                                                                                                           | sim                                                                                       |
| P40 | sim                                                                                          | sim                                                                                                              | sim                                                                              | sim                                                                                                           | sim                                                                                       |
| P41 | não                                                                                          | sim                                                                                                              | sim                                                                              | não                                                                                                           | não                                                                                       |
| P42 | sim                                                                                          | sim                                                                                                              | sim                                                                              | sim                                                                                                           | sim                                                                                       |
| P43 | sim                                                                                          | sim                                                                                                              | sim                                                                              | sim                                                                                                           | sim                                                                                       |
| P44 | sim                                                                                          | sim                                                                                                              | sim                                                                              | sim                                                                                                           | sim                                                                                       |
| P45 | não                                                                                          | sim                                                                                                              | sim                                                                              | sim                                                                                                           | sim                                                                                       |

\*SR = Sem Resposta

GRÁFICO 13 - Relação tempo x trabalho

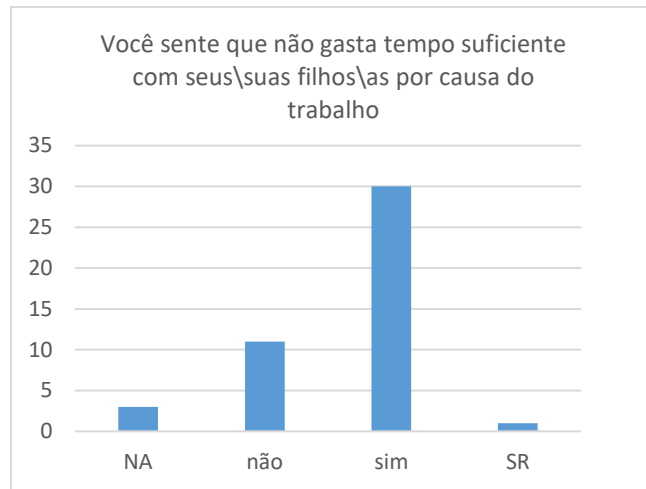
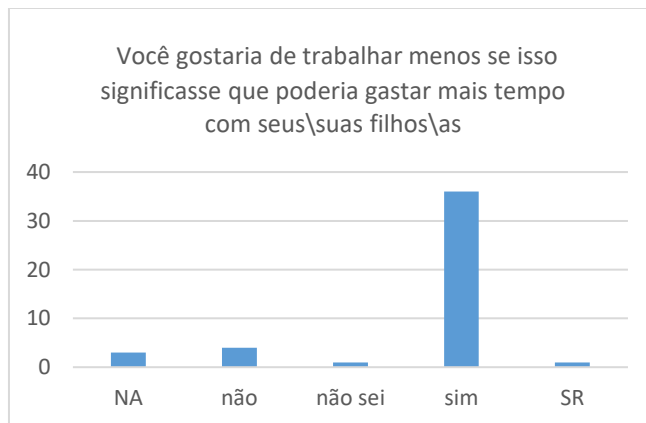


GRÁFICO 14 - Relação tempo x trabalho



Neste momento em que são provocados a expressar a relação entre o cuidado exercido e as demandas de trabalho, é possível identificar que os homens sabem que não estão envolvidos suficientemente nesta tarefa, ao mesmo tempo que desejariam estar.

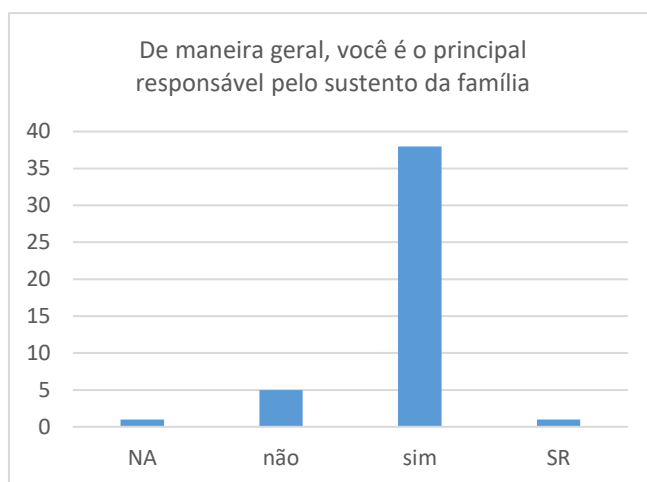
Parry Scott (2010) ressalta que para pensar a dinâmica dos homens, nos domicílios, é importante considerar aspectos de moradia, no sentido das configurações familiares:

O que fica evidente é que os homens são plurais, e a maneira de fazer com que se atinja a meta de promoção de direitos reprodutivos masculinos e femininos de modo a respeitar a criação de relações de gênero mais igualitárias é abordar diferentemente os homens, não somente de acordo com a diversidade de suas características socioeconômicas individuais, mas também de acordo com sua idade e condição residencial. (SCOTT, 2010. p. 79)

No caso, da população deste estudo, a maioria dos homens estão no arranjo “vive com parceira e filhos\as” e, sendo eles coabitantes com mulher e crianças, se

reconhecem como responsáveis financeiros da família. A ideia de homem provedor, como ilustrada no gráfico 15, não somente atribui aos homens tal incumbência, como também tolhe a possibilidade de pensarem suas participações como possíveis, apesar das jornadas de trabalho. Sabemos que as mulheres também estão envolvidas no provimento da família, que tem jornadas de trabalho iguais ou superiores às dos homens, mas continuam representando o centro do cuidado, no âmbito familiar. Não se trata, portanto, de um impedimento real, o trabalho existe no dia-a-dia de homens e mulheres, ambos cuidam de crianças, mas os homens deste estudo acreditam que o mesmo pode ser impeditivo para o exercício pleno do cuidado.

GRÁFICO 15 - Responsabilidade financeira



Na próxima questão, ilustrada pelo gráfico a seguir, a grande maioria dos homens expressou receio em se afastarem das crianças, na hipótese do fim do relacionamento com a parceira. Se a ideia, suponhamos, de que a relação entre pais e filhos\as é única e que independe da situação conjugal, prevalecesse entre os participantes, o receio não seria tão significativo. Ou seja, eles não percebem seus vínculos com as crianças fortalecidos, a ponto de sobressaírem a uma situação de separação, por isto a ideia de que são “coadjuvantes” neste cenário.

GRÁFICO 16 - Fim do relacionamento e relação com filhos\as

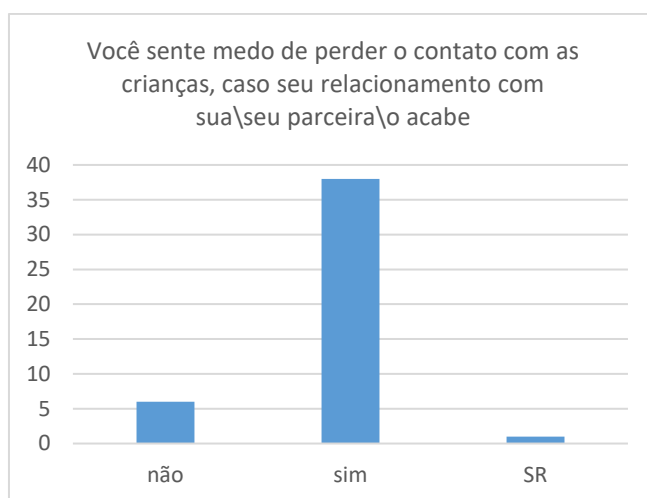
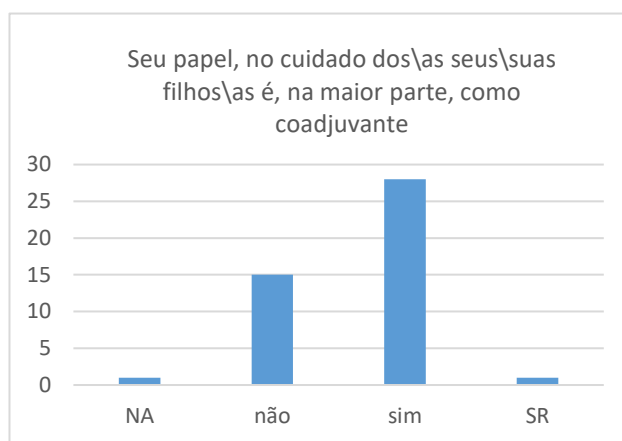


GRÁFICO 17 - O papel no cuidado



#### 4.4 Em cena, os “coadjuvantes”

A última sentença, apresentada na entrevista, “Seu papel, no cuidado com seus\suas filhos\as, é, na maior parte, como coadjuvante”, merece um tópico à parte, por sintetizar, já na sua estrutura, iniquidades nas relações de gênero. A própria provocação à reflexão, disparada por esta questão, já traz em si a possibilidade real do sentido de “coadjuvante”<sup>6</sup>, numa configuração familiar.

<sup>6</sup> Esta questão nos remete a uma metáfora que simboliza, e que utilizamos, há tempo, em ações e estudos, acerca da paternidade, a da cadeira na consulta de pré-natal. Após anos de vivências em unidades de saúde e conversas com mulheres e homens, a existência de uma única cadeira, diante da\o médica\o obstetra, vem nos mostrando o sentido de personagem secundário, institucionalizado no discurso da Saúde e incorporado nas práticas discursivas de profissionais e usuárias\os dos serviços.

Destacando as informações dos que responderam “sim”, analisamos como foi o desenvolvimento das outras questões, com a finalidade de compreender sentidos que estão dentro do que é ser coadjuvante para estes homens pais.

A tarefa mais emblemática, deste bloco de perguntas, é sobre o “cuidar diariamente”, para a qual a maioria respondeu “geralmente a parceira”, as maiores quantidades são, na sequência, “igualmente” e “sempre a parceira”.

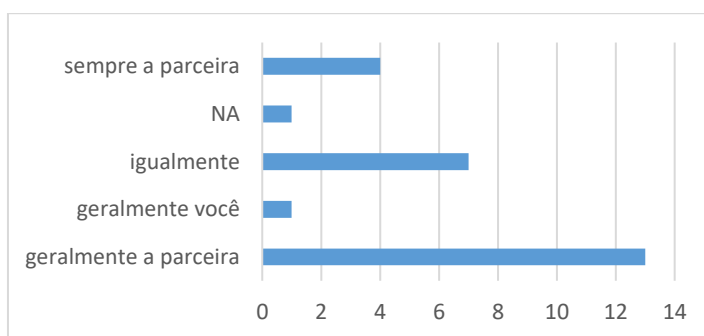


Gráfico 18: cuidar diariamente\*

Quando perguntados sobre quem fica com a criança em casa, quando ela está doente, uma boa parte respondeu que esta incumbência é distribuída igualmente, entre eles e a parceira. As outras respostas que se destacaram, da mesma forma, foram “geralmente a parceira” e “sempre a parceira”. Sobre a questão de ir buscar na escola, logo depois da resposta “geralmente a parceira”, da maioria, temos “geralmente você”.

GRÁFICO 19 - Ficar em casa quando a criança está doente\*

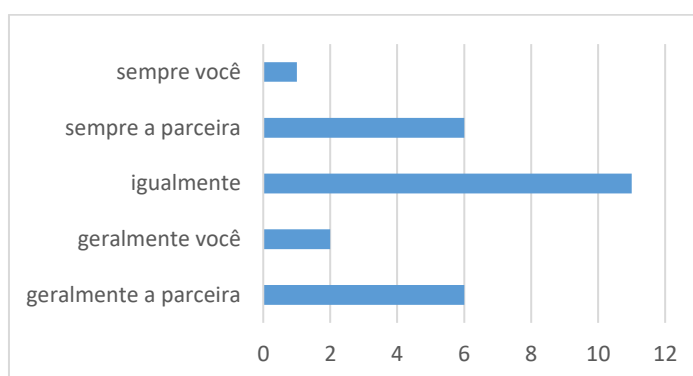
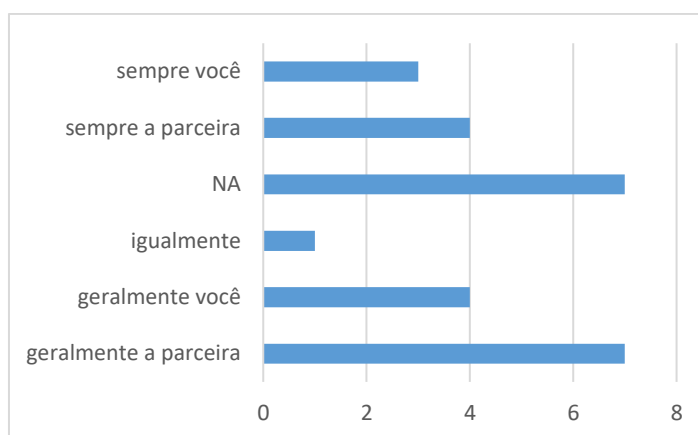


GRÁFICO 20 - Buscar na escola\*



Aqui invertemos um pouco a lógica de analisar a maioria e atentamos para a qualidade da existência de outras respostas, ressaltando que nosso objetivo não é somente quantificar, mas também interpretar realidades. Por isso, destacamos uma questão do bloco de Posicionamentos para pensar as Ações, relativas ao fato de se definirem como “coadjuvantes”.

#### 4.5 Rupturas e permanências: os sentidos nas “contradições”

Destacamos alguns aspectos, que nomeamos “contradições”, por representarem práticas não esperadas, se fossem orientadas por outros elementos imbricados, circunstâncias que favoreceriam vivências de cuidado, mas não mostraram relação de causa e efeito.

Iniciamos com a sentença discutida no tópico anterior, que representa bem o debate acerca da relação entre homens e o cuidado: “Seu papel no cuidado dos/as seus/suas filhos/as é, na maior parte, como coadjuvante? O que chama atenção é o fato de que 26 participantes responderam que sim, se acham coadjuvantes, porém não há ausência total de exercício do cuidado, alguns homens pais responderam que o fazem com frequência, mas, apesar de efetivamente realizarem diversas atividades de cuidado com as crianças, os participantes permanecem se reconhecendo como secundários neste contexto. É possível perceber o quão forte é a construção acerca dos sentidos do que é ser pai, a ideia de que não importa o quanto se dedique, o lugar e a importância da mulher será sempre superior, em relação à responsabilidade de ser mãe. Para estes homens pais o dia-a-dia já representa uma relação de igualdade na distribuição de tarefas, porém a supervalorização da importância das mulheres no cuidado ainda persiste e esta concepção, além de ser produto, é, também, norteadora de outras práticas, nas quais, certamente, o “peso” da responsabilidade irá recair

sobre as mulheres. Segundo Lago e colaboradoras (2009), em estudo sobre espaço doméstico e distribuição de tarefas: “O espaço doméstico ainda marca as divisões de gênero, sendo que muitas entrevistadas falam que seus esposos e filhos às vezes fazem o almoço, arrumam a casa, mas atribuem a isso o sentido de *ajuda* e não de trabalho.” (LAGO e Cols., 2009. p. 365)

Outro aspecto que se destacou foi a grande frequência de homens que estão em alguma atividade remunerada, sendo somente 7 que não estão. Desta forma, nos interessamos em observar como estavam classificando suas práticas, conforme nossas questões. Dos 7 homens pais que não estavam trabalhando, somente 1 respondeu “ambos” para a questão “Cuida diariamente da criança”, os demais responderam “geralmente a parceira”. Este interesse se deu pela observação da grande frequência de respostas em direção à insatisfação dos homens, relativas ao pouco tempo dedicado aos\as filhos\as, por causa do trabalho. Notamos que não necessariamente o tempo disponível integralmente é sinônimo de maior dedicação, que existe, de fato, uma certa distância entre o desejo e a execução.

Um dos participantes, por exemplo, informou que é sim o principal responsável pelo sustento da família, mesmo estando desempregado. Além disto, respondeu “raramente ou nunca” para todas as opções de resposta, relativas ao cuidado. O sentido de pai provedor prevalece, mesmo que a circunstância inviabilize esta situação, e a dispensa do trabalho de cuidar das crianças, é uma consequência.

É importante ressaltar que esta análise não se trata de uma interpretação da existência ou nível de afetos, esta não seria a maneira mais adequada para tal, mas falamos em sentidos que preditam práticas e que, através da linguagem, é possível identificar e co-produzir sentidos.

Sobre as tais rupturas, identificamos também “contradições” que rompem com o que seria socialmente esperado, considerando circunstâncias. Dois participantes, dos 45, não vivem com os\as filhos\as, sendo que 1 deles informou que brinca todos os dias com seu\sua filho\la e geralmente vai busca-lo na escola. O outro pratica todas as opções de cuidado que listamos, com frequência. Ou seja, o fato de não coabitarem, tampouco a não convivência conjugal, não representa fator determinante para o afastamento total entre os pais e os\as filhos\as. Segundo Perucchi e Beirão (2007): “A decadência do modelo familiar patriarcal propicia novas concepções de papéis sociais e pauta (re)configurações da família moderna. Adaptando-se às

transformações, as novas famílias criam espaços para que diferentes formas de relações sejam estabelecidas.” (PERUCCHI e BEIRÃO, 2007. p. 66).

Usualmente, é pela ruptura com o habitual que se torna possível dar visibilidade aos sentidos. É essa, precisamente, uma das estratégias centrais da pesquisa social. Por exemplo, numa entrevista, as perguntas tendem a focalizar um ou mais temas que, para os entrevistados, talvez nunca tenha sido alvo de reflexões, podendo gerar práticas discursivas diversas, não diretamente associadas ao tema originalmente proposto. (MEDRADO; SPINK, 2013. p. 4)

#### 4.6 Retomando a pergunta condutora

Em que medida as práticas de cuidado com crianças podem ser entendidas como expressão do exercício dos Direitos reprodutivos de homens pais, em direção às relações equitativas entre homens e mulheres? Faz-se importante salientar que nesta pergunta, que conduziu este estudo, temos duas reflexões salutares para o debate sobre homens, cuidado, DR e relações de gênero, a saber: 1- a relação entre DR pensado para os homens e a luta feminista por equidade; 2- o que concluímos acerca das práticas de cuidado para responder a questão que propomos.

Em consonância com o que é exposto por PEREA FIGUEROA (2005), consideramos, enfaticamente, que o conceito de Direitos reprodutivos é fruto dos movimentos de mulheres, pela demanda de direitos básicos, sobre a vida reprodutiva, historicamente subordinada às construções do patriarcado. Concebemos a ainda existente organização das noções de cuidado, naturalizadas femininas, como (re)produtoras de sentidos que corroboram iniquidades de gênero, que impulsionam cada vez mais a luta por direitos das mulheres. Com isto, pensar Direitos reprodutivos para os (ou dos) homens deixa o solo do debate fértil para a dúvida e o risco sobre a possibilidade de estar minimizando a ideia inegável de dominação masculina, sobre as vidas e corpos das mulheres.

Já é possível encontrar na literatura a reflexão de que o discurso da culpabilização e/ou vitimização torna homogênea uma pluralidade de experiências, que somente invisibiliza a opressão que recai em todos os atores envolvidos. A ideia de masculinidades diversas, inclusive, põe em cena esta opressão posta pela

masculinidade hegemônica, reforçando que as diferenças de gênero estão para além da relação homem-mulher, mas também, e sobretudo, nas relações de poder.

Sobre os estudos de gênero e masculinidades, no campo dos Direitos reprodutivos, Perea Figueroa (2005) defende a ideia de que:

Las propuestas analíticas que tenemos trabajadas hasta el momento incluyen considerar a la reproducción en términos relacionales sin diluir las experiencias de varones y mujeres, superar reduccionismos disciplinarios, asegurar una educación sexual que permita cuestionar identidades de género excluyentes, cuestionar la confusión entre derechos y privilegios en las decisiones reproductivas y retomar el marco más amplio de los derechos humanos en la reproducción. (PEREA FIGUEROA, 2005. p. 10)

No presente estudo identificamos que as práticas de cuidado podem ser sim uma expressão dos DR, na medida em que são a materialização dos posicionamentos de homens, frente as suas responsabilidades e desejos, acerca do cuidado. O que implica diretamente suas noções de vivências legítimas, em um contexto de distribuição de trabalho doméstico, sendo este a tarefa do cuidado com crianças. Partindo desta constatação, buscamos analisar o quão representativas são as experiências de alguns homens, no que diz respeito aos paradigmas culturais sobre o que pode ou não um homem realizar, quando se trata de práticas carregadas de sentidos que os subtraem desta realidade, segundo os padrões de masculinidade hegemônica.

Segundo Spink (2013), a perspectiva das Práticas discursivas compreende 3 tempos históricos para a produção de sentidos: “o *tempo longo*, que marca os conteúdos culturais, definidos ao longo da história da civilização; o *tempo vivido*, das linguagens sociais aprendidas pelos processos de socialização, e o *tempo curto*, marcado pelos processos dialógicos.” (SPINK, 2013. p. 10). A autora destaca, com esta ideia, que 3 níveis temporais estão presentes no processo de produção de sentidos e que o tempo longo representa todo o repertório disponível, já institucionalizado, que compõe as noções das pessoas acerca de um determinado tema:

O *tempo longo* constitui o espaço dos conhecimentos produzidos e reinterpretados por diferentes domínios de saber: religião, ciência, conhecimentos e tradições do senso comum. Esses conhecimentos antecedem a vivência da pessoa, mas se fazem nela presentes por meio de instituições, modelos, normas, convenções, enfim, da reprodução social. (SPINK, 2013. p. 11)

O que trouxemos em nossa análise diz respeito a esta construção histórica, que, neste caso, nos foi apresentado, em alguns momentos, na forma de contradição, nas práticas discursivas dos participantes, ao afirmarem realizar determinadas tarefas, ao mesmo tempo que desejam maior participação no cuidado com filhos\as ou não reconhecem o que vivenciam, como práticas de cuidado. Ou seja, existe um movimento de produção de sentidos que reposiciona os homens na vivência da paternidade, mas que ainda não encontram legitimação no tempo vivido.

Portanto, no processo da produção de sentidos, o que é experienciado por eles, na ordem do pragmático, está em direção das relações equitativas. Os posicionamentos também indicam este movimento, porém com obstáculos, que mais impulsionam para rupturas do que para a reafirmação do lugar secundário, no cuidado. Percebemos que a dinâmica está em processo, através das ditas contradições, caminhando para o encontro entre “a palavra e o gesto”, entre o sentido e a vivência.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após várias etapas de trabalho, dentro do processo completo desta pesquisa, depois de produzir análises de informações qualitativas diversas, sobre o contexto do cuidado e homens, eis que o campo, a priori quantitativo, “me escolheu”. A vivência de entrevistar cerca de 50 homens, dentro de suas casas, me trouxe um aprendizado impossível de descrever. A tentativa se traduz, em partes, através desta dissertação. Donna Haraway (1995) expressa muito bem o tom com o qual construí minha pergunta de pesquisa:

[...] quero argumentar a favor de uma doutrina e de uma prática da objetividade que privilegie a contestação, a desconstrução, as conexões em rede e a esperança na transformação dos sistemas de conhecimento e nas maneiras de ver. [...] Precisamos também buscar a perspectiva daqueles pontos de vista, que nunca podem ser conhecidos de antemão, que prometam alguma coisa extraordinária, isto é, conhecimento potente para a construção de mundos menos organizados por eixos de dominação. (HARAWAY, 1995. p. 24)

Ao pensar os objetivos desta pesquisa, minha finalidade foi de investigar produção de sentidos dos homens. Eu acreditei que seria possível “compreender” uma produção “deles” e, assim, falar sobre eles e suas experiências de cuidado com crianças. No entanto, revendo meus objetivos, já na etapa de análise, percebi que os ditos sentidos “dos” homens não eram passíveis de serem conhecidos por nós. Nós jamais saberemos, por exemplo, se, para o Participante 15, proporcionar lazer para a criança, no final de semana, é indicativo de que seus sentidos sobre o cuidado se limitam à tal tarefa.

Então, produzi sentidos sobre o “não buscamos a verdade” ou “não buscamos generalizações”. Porque o desafio de interpretar realidades, práticas discursivas, sem a fala livre dos interlocutores, me fez compreender que as sentenças prontas, são questões carregadas de sentidos, de vozes, que, talvez, dispararam o processo de produção de sentidos, no momento que foram propostas. Como por exemplo, “Você acha que seu papel, no cuidado, é, na maior parte, de coadjuvante.”: é possível que os interlocutores tenham pensado que jamais se viram respondendo esta questão, que jamais pensaram que o que fazem pode representar um lugar secundário. Produzimos isto juntos.

Não quero indicar que o diálogo entre aspectos quantitativos e qualitativos foi difícil, mas sim, que a postura da pesquisadora, diante da interpretação qualitativa de informações estruturadas, deve ser de dialogia pura! Não há uma intenção de

conhecer os posicionamentos, com perguntas amplas e liberdade de expressarem os mais diversos repertórios. Com sentenças fixas, disponíveis em alternativas, temos a consciência de que estamos propondo sentidos, já no momento do inquérito, uma vez que apresentamos possibilidades, que por sua vez, foram escolhidas, na forma das perguntas e das respostas, por representarem realidades possíveis, que nós supomos. Obviamente, nossas “suposições” sintetizam nossas trajetórias de pesquisa neste campo, bem como toda a produção científica já realizada, são, portanto, sentidos, prontos para serem vozes mais ou menos relevantes para cada interlocutor entrevistado.

A Psicologia Social tem muito o que contribuir, e se lançar, acerca dos processos de subjetivação, pela via do arcabouço teórico das práticas discursivas e produção de sentidos. Sobretudo, em diálogo com a Saúde Coletiva, de maneira que aspectos individuais e grupais possam ser considerados em um conjunto de determinantes. É preciso, também, que as produções dialoguem, não somente produções científicas textuais, mas os laboratórios e núcleos de pesquisa. Concluímos este trabalho com o desejo de suscitar o debate sobre práticas de cuidado de homens pais, que não coabitam com seus\suas filhos\as, por exemplo, compreendendo a dinâmica do cuidado para pais separados, já que, no presente estudo, quase todos os homens interlocutores vivem com filhos\as e parceira. Como também a discussão sobre práticas de cuidado em famílias com casais de homens, pois nenhum interlocutor desta pesquisa cuidava de filhos\as junto com parceiro homem.

Com isto, concluímos esta pesquisa com a certeza de que ela está a produzir sentidos sobre homens, cuidado e divisão do trabalho de cuidado com crianças. Um produto inacabado, dialógico, produtor de muitos sentidos. Para além da tradicional relação entre homens que provém e mulheres que cuidam, estão os lugares relegados ao feminino e ao masculino, que podem ser vivenciados tanto por corpos ditos masculinos, quanto por corpos ditos femininos. E mesmo que não haja “conflito” entre o sexo e o gênero, as atribuições femininas, exercidas por um homem, ainda é indicativo de opressão, pois os homens, historicamente, precisam reafirmar seus privilégios, a partir da afirmação constante de suas masculinidades. Atribuições, no âmbito das práticas e direitos reprodutivos, denotam um vasto leque de desigualdades, a partir da ideia de que as mulheres estão para o cuidado, e os homens não estão. Esta relação, inversamente proporcional – em analogia à regra matemática – produz subjetividades, à guiza da opressão de desejos e direitos. As

mulheres se veem na tarefa solitária de cuidados, sobrecarregadas, e os homens, como responsáveis por prover a família, porém, as transformações sociais estão em processo. Esta pesquisa trouxe repertórios diferentes deste cenário, majoritariamente feminino, em quantidade. Não podemos negar que o quantitativo mostra uma realidade de cuidado negligenciado por masculinidades, mas também de masculinidades que cuidam. Não podemos concluir com “mais do mesmo”, quando temos realidades de homens que cuidam de crianças e se sentem responsáveis por isto. Observamos, com este estudo, que, em algumas situações, os sentidos de cuidado, bem como a distribuição este, entre os homens e suas parceiras, caminham vacilante entre as ideias e as ações, de maneira que muitas vezes existe a dedicação às crianças, mas os próprios homens resumem o cuidado para a parceira, em sentenças genéricas. Percebemos que no nível individual vivências do cuidado já existem, mas, na prática discursiva, elas não são legitimadas.

Seguimos em construção acerca do debate entre público e privado e de uma produção de conhecimento situado, como defende Donna Haraway. Seguimos em construção, sobretudo, sob a égide do movimento de resistência das mulheres, que nos ocupamos com a reivindicação da equidade, ao mesmo tempo que vivemos em condições adversas para tal. A pesquisadora feminista não almeja o heroísmo. Deslocar a imagem de fragilidade e cuidadora natural para a imagem de super heroína seria afirmar e legitimar a suposta necessidade de alcançar patamares sobre-humanos de força para suprir, solitária e exaustivamente, todas as demandas individuais e coletivas que lhe cabem. A figura da “super-mulher”, que cuida da casa, da família, trabalha, provém, estuda, entre outras jornadas, poderia servir igualmente ao jogo de sentidos, perverso, no qual sua grandiosa força seria suficiente para permanecer em opressão, então endossada pela falsa conquista de reconhecimento de seus direitos. Falamos de equidade, solidariedade, para uma sociedade na qual o gozo de direitos seja desejo real de mulheres e homens. Que a prática do cuidado não se baseie em tradição de sentidos que subjugam, tampouco “eleve” as mulheres a um nível de resistentes a toda dor.

## REFERÊNCIAS

ANZALDUA, Glória. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Estudos feministas*. V. 8, n. 1. 2000. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106> Acesso em: 14 de Janeiro de 2018.

ARAÚJO, Clara; SCALON, Celi. Gênero e a distância entre a intenção e o gesto.

**Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 21. n. 62. 2006. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v21n62/a03v2162.pdf>> Acesso em: 25 de Outubro de 2017.

ÁVILA, Maria Betânia. Direitos sexuais e reprodutivos: desafios para as políticas de saúde. **Cadernos Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 19, pp. 465-469. 2003.

ÁVILA, Maria Betânia. Feminismo y ciudadanía: la producción de nuevos derechos. In.: SCAVONE, Lucila (coord.). **Género y salud reproductiva en América Latina**. Cartago, Libro Universitario Regional, San José, 1999, pp. 57-83.

AZEREDO, Sandra. Encrenca de gênero nas teorizações em psicologia. **Revista Estudos Feministas**. v. 18, n. 1. Jan-Abr. pp. 45-68. 2006.

BANDEIRA, Tatiana; Maria Lúcia Moura. Crenças de pais e mães sobre investimento parental. **Paideia**. Rio de Janeiro, v. 22, n. 53. pp. 355-363, 2012.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**. v. 26, Jan-Jun, pp. 329-376, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Programa Rede Cegonha**. Ministério da Saúde, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem**: Princípios e Diretrizes. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

BRUSCHINI, Maria Cristine; RICOLDI, Arlene. Revendo estereótipos: o papel dos homens no trabalho doméstico. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 20, n. 1, pp. 259-344, 2012.

BUSTAMANTE, Vânia; TRAD, Leny. Participação paterna no cuidado de crianças pequenas: um estudo etnográfico com famílias de camadas populares. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 21, n. 6, pp. 1865-1874, 2005.

CABRAL, Renata Campello. **Mario Russo: um arquiteto italiano em Recife**. São Carlos: USP, 2003, 291p. Disponível em:  
[http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2138:mario-russo-e-a-construcao-da-cidade-universitaria-da-ufpe&catid=87&Itemid=782](http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2138:mario-russo-e-a-construcao-da-cidade-universitaria-da-ufpe&catid=87&Itemid=782).  
 Acesso em: 27 de Janeiro de 2018.

CAETANO, Patricia. **Lugares e sentidos em repertórios sobre paternidade**. Monografia apresentada no curso de Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco. 2014. CAVALCANTI, Helenilda; Britto Lyra, Maria Rejane; Avelino, Emília. (Orgs.). **Mosaico Urbano do Recife: exclusão inclusão socioambiental**. Recife, Editora Massangana, 2008.

CONNEL, Robert; MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**. v. 1, n. 21, Jan-Abr, pp. 241-282, 2013.

CONNELL, Robert. **Masculinities: Knowledge, power and social change**. University of Califórnia Press, Los Angeles, 1995.

FIGUEROA, Juan Guillermo; FLORES, Natalia. Practicas de cuidado em las relaciones de género: la experiência de algunos varones mexicanos. **Revistas de estúdios de género**. La Ventana, v. IV, n. 35, ene-jun, pp. 7-57, 2012.

FIGUEROA, Juan Guillermo. Algunos dilemas éticos y políticos al tratar de definir los derechos reproductivos en la experiencia de los varones. **Perspectivas Bioéticas**. Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales e Ediciones del SIGNO. Buenos Aires. v. 10, n. 18, pp. 53-75, 2005.

FIGUEROA, Juan Guillermo. Identidad de género masculina e derechos reproductivos. Algunas propuestas analíticas. **Revista de Estudios de Género**. La Ventana, n. 12, pp. 43-72, 2000.

GASPAR, Lúcia. Caxangá (bairro, Recife). **Pesquisa Escolar Online**. Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em:  
<<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 27 jan. 2018.

HARDING, Sandra. ¿Existe un método feminista? Trad. Glória Bernal. Is there a feminist method? In.: **Feminism and methodology**. Indianapolis, Indiana University Press, 1987. IZQUIERDO, Maria Jesús. Uso y abuso del concepto de género. In: VILANOVA, Mercedes (org.). **Pensar las diferenças**. Promociones y Publicaciones Universitárias, S. A. Barcelona, 1992, p. 31-53. Disponível em:  
<<http://www.ub.edu/SIMS/pdf/PensarDiferencias/PensarDiferencias-03.pdf>>. Acesso em: 02 de Junho de 2014.

KROB, Adriane; PICCININI, Cesar; SILVA, Milena. A transição para a paternidade: da gestação ao segundo mês de vida do bebê. **Psicologia USP**. São Paulo, v. 2, n. 20, abr-jun., pp. 269-291, 2009.

LAGO, Mara; SOUZA, Carolina; KASZUBOWSKI, Eriksson; SOARES, Marina.

Gênero, gerações e espaço doméstico: trabalho, casa e família. **Paideia**. v. 19, n.

44, pp. 357-366, 2009. LYRA, Jorge. **Paternidade adolescente: uma proposta de intervenção**. Dissertação – Mestrado em Psicologia Social – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1997.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Revista Estudos Feministas** (UFSC. Impresso), v. 16, p. 809-840, 2008.

MEDRADO, Benedito. **O masculino na mídia: repertórios sobre masculinidade na propaganda televisiva brasileira**. Dissertação – Mestrado em Psicologia Social – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1997.

NOGUEIRA, Conceição. Contribuições do Construcionismo Social a uma nova psicologia do gênero. **Cadernos de pesquisa**. 2001, n.112, pp. 137-15. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742001000100007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742001000100007)>. Acesso em: 23 de Julho de 2014.

PERNAMBUCO. Governo do Estado de Pernambuco. Secretaria Estadual de Saúde. Secretaria Executiva de Coordenação Geral. Diretoria Geral de planejamento. **Plano Estadual de Saúde 2012 a 2015**. Recife: Secretaria Estadual da saúde, 2012.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder**. Trad. Maria Cecília França. Editora Ática. São Paulo: 1993. Disponível em: <[http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/bernardo/BIBLIOGRAFIA%20DISCIPLINAS%20POS-GRADUACAO/CLAUDE%20REFFESTIN/RAFFESTIN,%20Claude%20-%20Por%20uma%20Geografia%20do%20Poder\(3\).pdf](http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/bernardo/BIBLIOGRAFIA%20DISCIPLINAS%20POS-GRADUACAO/CLAUDE%20REFFESTIN/RAFFESTIN,%20Claude%20-%20Por%20uma%20Geografia%20do%20Poder(3).pdf)>. Acesso em: 27 jan. 2018.

- RECIFE. **Serviços para o cidadão**. Site da prefeitura do Recife.  
<<http://www2.recife.pe.gov.br/servico/rpa-4>>. Acesso em: 15 jan. 2018.
- RICARDO, Christine; SEGUNDO, Márcio; NASCIMENTO, Marcos. **Men's and women's attitudes and experiences related to gender-equality and health: Preliminary frequencies from a household survey in Rio de Janeiro, Brazil**. Promundo, 2009. Disponível em: <<https://promundo.org.br>>. Acesso em: 02 set. 2016.
- PERUCCHI, Juliana; BEIRÃO, Aline. Novos arranjos familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família. **Psicologia Clínica**. Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, pp. 57-69, 2007.
- PONTES, Cleide; ALEXANDRINO, Aline; OSÓRIO, Mônica. Participação do pai no processo da amamentação: vivências, conhecimentos, comportamentos e sentimentos. **Jornal de Pediatria**. Rio de Janeiro, v. 84, n. 4, pp. 357-364, 2008.
- RUBIN, Gayle. El tráfico de mujeres: notas sobre la economía política del sexo. **Nueva Antropología**, México D.F., v. VIII, n. 30, p. 95-145, 1986.
- SCOTT, Pary. Homens, domesticidade e políticas públicas na saúde reprodutiva. Em: Homens e masculinidades: práticas de intimidade e políticas públicas. Orgs. Benedito Medrado, Jorge Lyra, Mariana Azevedo e Jullyane Brasilino. **Instituto Papai**, Recife, pp. 79-93, 2010.
- SILVA, Leonardo Dantas. *Várzea (bairro, Recife)*. **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em:  
<<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 27 jan. 2018.

SOUZA, Carmen; BENETTI, Silvia. Paternidade e desemprego: características do envolvimento paterno e aspectos do relacionamento familiar. **Contextos Clínicos**. São Leopoldo, v.1, n.2, set-out, pp. 61-71, 2008.

SPINK, Mary Jane. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. Edição Virtual. Centro Eldestein de Pesquisas Sociais. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em <http://maryjanespink.blogspot.com.br/2013/11/versao-virtual-do-livro-praticas.html> Acesso em 03 de Julho de 2015.

SPINK, Mary Jane. Os métodos da pesquisa como linguagem social. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. v.2, n.2. pp.9-21. 2002. Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v2n2/artigos/Artigo%201%20-%20V2N2.pdf>. Acesso em: 20 de maio de 2013.

SPINK, Peter Kevin. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. **Revista Psicologia & Sociedade**. Porto Alegre, v. 15, n. 2, pp. 18-42, dez. 2003.

TRONCHIN, Daisy; TSUNECHIRO, Maria Alice. Cuidar e o conviver com o filho prematuro: a experiência do pai. **Revista Latino-Americana**. Ribeirão Preto, v. 14, n. 1, pp.93-101, jan-fev, 2006.

VIEIRA, Elaine; SOUZA, Lídio. Guarda paterna e representações sociais de paternidade e maternidade. **Análise Psicológica**. Lisboa, v. 4, n. 28, pp. 581-596, 2010.

## **APÊNDICE A - SÍNTESE DO PROJETO PATERNIDADE E CUIDADO NOS SERVIÇOS DE SAÚDE**

Esta proposta se insere no campo da garantia dos direitos reprodutivos e da melhoria do acesso aos serviços de saúde sexual e reprodutiva. Tem como objetivo final, desenvolver estratégias para um maior envolvimento dos homens, especialmente os pais, nas consultas e demais ações de pré-natal e assistência obstétrica.

A falta de uma estrutura física adequada é uma das barreiras mais citadas para a presença do acompanhante, principalmente quando se trata de um homem. Isso porque, segundo os profissionais, sem leitos individuais as mulheres estariam submetidas aos olhares de outros homens que não sejam os seus acompanhantes. A falta de preparo dos homens (“eles só atrapalham”) e sua suposta incapacidade de “se comportar bem” no ambiente das maternidades também foram muito citadas pelos profissionais. Alguns deles chegam a afirmar que os homens só deveriam ser acompanhantes se participassem de um curso preparatório.

Em que pese os estereótipos de gênero que sustentam tais concepções, é fundamental construir estratégias que aproximem os homens dos serviços de saúde sexual e reprodutiva. Nesse sentido, é necessário empreender ações que sensibilizem os profissionais de saúde sobre a importância da participação dos homens nestes serviços, fazendo com que estes acolham as necessidades destes sujeitos e tenham também uma postura proativa no envolvimento dos homens. De outra parte, é fundamental fornecer informações sobre direitos da paternidade e estimular o interesse dos homens na vida reprodutiva e no cuidado dos filhos/as.

### **Objetivo geral**

Realizar um diagnóstico e levantar demandas sobre o envolvimento dos homens no cuidado infantil e nos serviços de assistência pré-natal e obstétrica.

### **Objetivos específicos**

- **Aplicação de questionário e realização de grupos focais com**

**homens na comunidade em duas ondas, no início e no fim do projeto** com o objetivo de compreender os vários lugares que os homens assumem como cuidadores de crianças e quais os sentidos produzidos sobre violência contra crianças e adolescentes cometida pelos cuidadores/as;

- **Entrevistas e grupos focais com profissionais e agentes comunitárias de saúde** sobre a questão do envolvimento dos homens com a temática do cuidado e de situações de violência contra crianças e adolescentes;

- **Análise dos sistemas de informação ligados à violência contra crianças e adolescentes** para conhecer e acompanhar alterações nos índices de violência contra crianças e adolescentes nas comunidades.

## **Procedimentos**

1) *Aplicação de questionário com uma amostra representativa dos homens com idade entre 18 a 59 anos residentes na micro-região 4.3 do DS IV de Recife.* O questionário versará sobre as atitudes, experiências e opiniões dos homens sobre temas como: cuidado de si e de crianças, relação com os serviços de saúde e violências.

2) *Realização de 4 Grupos Focais com homens usuários/potenciais usuários dos serviços de saúde da região.* Sendo dois deles com homens jovens com idade entre 18 e 29 anos. E dois com homens com idade entre 30 e 59 anos. Os grupos-focais seguirão um roteiro semiestruturado e serão gravadas para posterior transcrição e análise.

3) *Entrevistas semiestruturadas com profissionais de saúde e grupos focais com as agentes comunitárias de saúde (ACS) que atuam nas Unidades de Saúde da Família da região sobre a questão do envolvimento dos homens com a temática do cuidado e da violência contra crianças e adolescentes.* As entrevistas seguirão um roteiro semiestruturado e serão gravadas para posterior transcrição e análise.



Caro participante,

Gostaríamos de convidá-lo a participar como voluntário de uma pesquisa sobre **o envolvimento dos homens no cuidado infantil e nos serviços de assistência pré-natal e obstétrica**, desenvolvida pelo Instituto Papai e o Grupo de Estudos em Gênero e Masculinidades da Universidade Federal de Pernambuco (GEMA/UFPE), sob coordenação de Mariana Azevedo (Coordenadora do Instituto Papai) do Professor Jorge Lyra (GEMA/UFPE).

O objetivo deste estudo é Realizar um diagnóstico e levantar demandas sobre o envolvimento dos homens no cuidado infantil e nos serviços de assistência pré-natal e obstétrica na cidade de Recife. Sua forma de participação consiste em responder a algumas perguntas que serão feitas por um dos nossos pesquisadores.

Seu nome não será utilizado em qualquer fase da pesquisa o que garante seu anonimato. Não será cobrado nada; não haverá gastos nem riscos na sua participação neste estudo; não estão previstos ressarcimentos ou indenizações; não haverá benefícios imediatos na sua participação. Os resultados contribuirão para o campo de defesa de direitos sociais em nosso país. Gostaríamos de deixar claro que sua participação é voluntária e que poderá recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, ou ainda descontinuar sua participação se assim, o preferir.

Desde já agradecemos sua atenção e participação e colocamo-nos à disposição para maiores informações. Em caso de dúvida(s) e outros esclarecimentos sobre esta pesquisa você poderá entrar em contato com o responsável principal Mariana Azevedo de Andrade Ferreira, telefone (81) 32714804.

Após ter sido esclarecido(a) sobre as informações acima, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado(a).

Local, data

Nome e assinatura do pesquisador:

---

\* \* \*

Declaro que entendi os objetivos desta pesquisa, bem como, minha forma de participação, riscos e benefícios de minha participação. Eu li e compreendi este termo de consentimento, portanto, eu concordo em dar meu consentimento para participar como voluntário desta pesquisa.

Local, data

Nome e assinatura do entrevistado:

---

Nome e assinatura de testemunha 1:

---

Nome e assinatura de testemunha 2:

---

**Responsável legal e local onde serão arquivados os dados da pesquisa:**

Mariana Azevedo de Andrade Ferreira. Rua Mardônio Nascimento, 119. Várzea, Recife – PE. Fone: 81-32714804.

**Comitê de ética responsável:** Avenida da Engenharia, S/N - 1º andar, CEP: 50740-600, Cidade Universitária Recife - PE, Brasil. Telefone/Fax do CEP: (81) 2126-8588 - E-mail do CEP: cepccs@ufpe.br